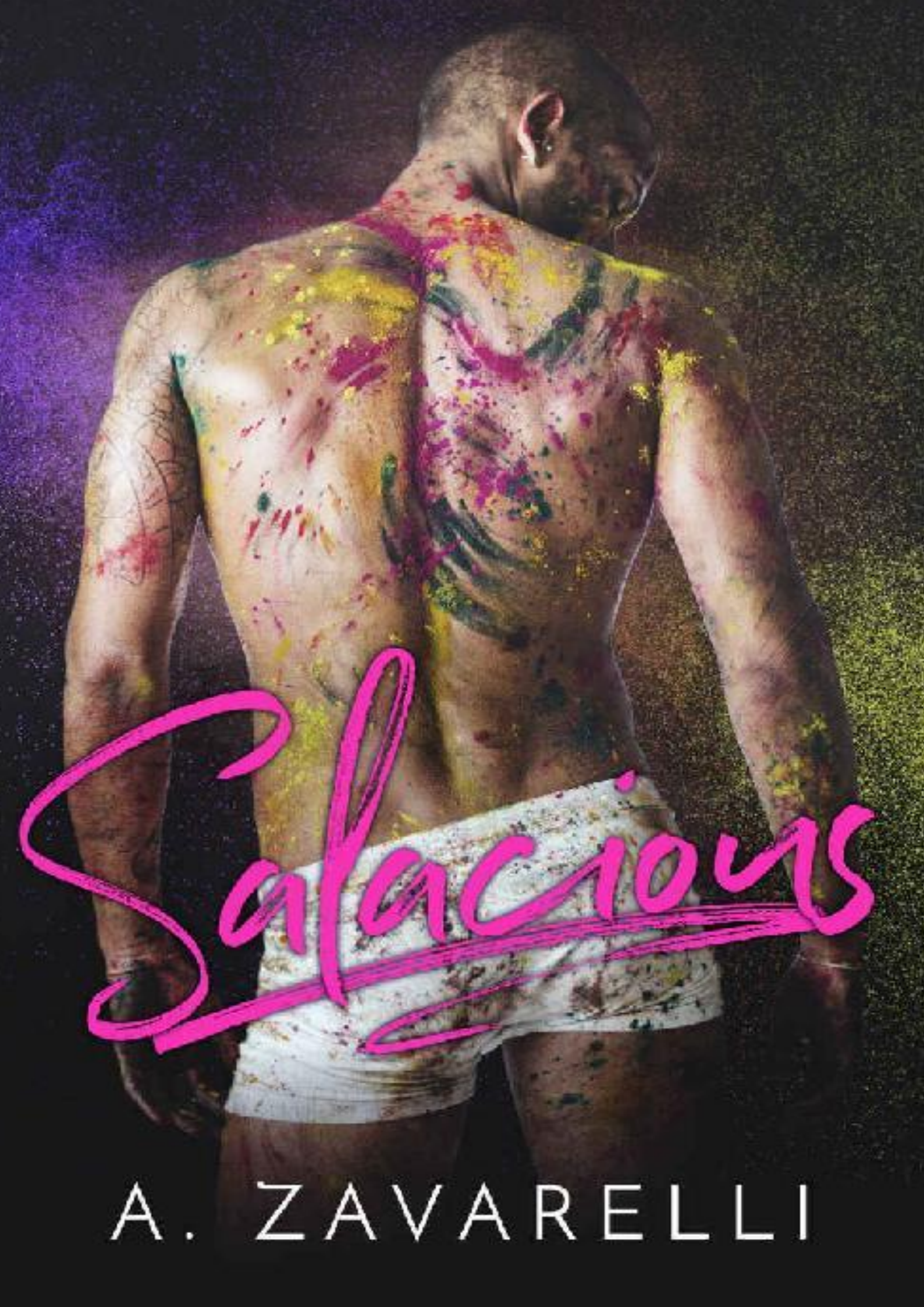


A photograph of a man's back, seen from behind, covered in numerous colorful paint splatters and stains. The colors include yellow, pink, red, green, and blue. The man is wearing white shorts that are also splattered with paint. The background is dark and textured.

Salacious

A. ZAVARELLI



Disponibilização: Eva Bold

Tradução: Juliana e Adriana

Revisão: Thay Ribeiro

Leitura Final: Eva Bold

Formatação: Eva Bold

Keller Vaughn é tudo o que eu aspiro ser.

Um artista. Um visionário. Um criador.

Se alguma vez um homem perfeito existisse, seria ele. O único problema é ... esse homem perfeito?

Ele também é meu professor.

Vim aqui para ensinar. Para me absolver da culpa do passado, fazendo o bem para os outros.

Esse plano tem funcionado muito bem.

Até ela.

Chloe Abernathy.

Porque quando vejo a dançarina tímida na parte de trás da minha sala, o homem em mim não quer mais nada a não ser corrompê-la.

Capítulo um

Chloe

"Cinco, seis," o instrutor conta. "Saltos para baixo. Cuidado com os ombros. "

Ela se move ao redor da sala, ajustando os braços e assistindo cada bailarina com cuidado. A voz de Isabel dita a coreografia e sigo no piloto automático.

"Sete oito. Levanta."

"Nove, dez," sussurro para mim mesma. "Onde está sua cabeça?"

Repetição. Repetição. Repetição.

Realizo os movimentos, mas não estou realmente aqui. Realmente não estou em qualquer lugar. Minha mente está em outro universo. Num telhado, cercado por uma explosão de cores. Eu vivo por aquelas cores. Aquela altura secreta.

"E volta para a quinta posição."

A música para, e minha ansiedade também. A minha volta, as outras dançarinas conversam. Me derreto no assoalho como o mais obediente dos soldados, a voz perfurante do sargento ecoando através da minha mente.

Estica. Estica. Estica.

Sempre esticando, sem me mover.

"Chloe Abernathy."

Olho para cima de onde estou no chão para encontrar o olhar da minha professora. Mas ela não está sozinha. Ao seu lado estão os olhos castanhos familiares da decepção. Sempre decepção.

Minha respiração trava quando me ocorre que ele esteve aqui o tempo todo. Assistindo.

"Uma palavra, por favor", diz Isabel.



Levanto com as pernas trêmulas e amarro o cardigan em volta da cintura, seguindo meu pai e Isabel para a minha desgraça.

Meus olhos vão para as janelas conforme passamos pelo corredor. A luz solar flui através dos vitrais e dança no chão de ladrilhos. Quero desaparecer nessas cores. Nas sombras. Em qualquer coisa.

Preferia estar em qualquer outro lugar agora.

Sei o que está vindo antes mesmo de sentar no escritório do Sr. Dacosta. O reitor. Meu pai se senta ao meu lado, cruzando as pernas e as mãos na mais pretensiosa das posições. O fato de que ele não nem sequer me olha torna dolorosamente óbvio que ainda acha que isso é um disparate completo.

Sua expressão de tédio está focada no reitor. E posso sentir o cheiro do álcool em seu hálito daqui. Gin. Sempre gin.

"Seu pai deseja ter uma reunião," Isabel me diz. "Para discutir seu desempenho recente no estúdio."

Torço as mãos no colo e me concentro em meus dedos. A pele pálida ossuda fica fria sob o peso da pressão nesta sala.

"Como já discuti com você, Chloe", Isabel continua, "Estamos felizes em te ter aqui no instituto da arte. Me dá grande prazer ter uma aluna com seus talentos na minha classe. Mas, também acredito que poderia ser benéfico para você considerar algumas audições reais. "

"Eu teria que concordar," meu pai afirma com desdém óbvio.

Como se essa professora pudesse dizer-lhe qualquer coisa que ele ainda não soubesse. Toda minha vida foi um tiro direto no mesmo objetivo. Sem desvios permitidos. Tudo o que já conheci foram os melhores professores. Academias de balé. Acampamento de verão. Quando não estava na escola, estava em casa. Com ele.

Eu vivi, respirei e pensei em nada além de dança desde que me lembro.

Meu pai nunca quis que eu viesse aqui. Para a escola. Mas ele me prometeu um ano. E agora, depois de nem mesmo seis meses, está tentando tirar isso de mim. Ambos estão.



Isabel encontra meu olhar, mas mal consigo olhá-la. Ela já falou com ele. Ela é uma dançarina primeiramente. E uma que suspendeu seus pontos proverbiais para sempre.

"Um dançarino tem uma vida útil curta, para começar," ela me lembra. "Não quero que perca todas as oportunidades disponíveis."

"Exceto a escola", murmuro. "Exceto isso."

"Teve notas altas em todas as aulas," Sr. Dacosta fala de trás da mesa. "Sempre pode voltar quando sua carreira na dança tiver terminado. Ou mesmo apenas ter uma aula por semestre, se quiser. "

É claro que ele diria isso. Após a doação considerável do meu pai para o colégio toda essa reunião é inútil. Porque não importa o que quero. Só importa o que eles querem. O que meu pai quer. E ele fará de tudo para garantir que consiga.

Ele quer acreditar que sou um prodígio nato.

Mas isso é apenas sua imaginação. Sempre foi sua imaginação. Que eu poderia ser ela. O fantasma que o persegue.

Eu não sou ela. Não possuo um talento natural para a dança. Tudo o que ganhei veio através de nada menos do que sangue, suor e lágrimas. Mas não é a coisa que mais quero, e esse é o problema.

"Acredito que algo está te prendendo você, Chloe", observa Isabel.

Seus olhos estão me julgando. Me assistindo. Agindo como se soubesse alguma coisa sobre mim.

"Talvez seja medo? Isso é apenas natural. Mas não podemos ajudá-la se não nos disser o que está errado. "

"Não há nada errado", minto.

Uma mentira que tão facilmente desliza dos meus lábios. É a que mais digo. Estou bem. Está certo. Tudo está perfeito.

Estou estudando numa das mais prestigiadas universidades de arte no país. Estou no caminho certo para um aprendizado e uma posição dentro de uma companhia de ballet real.



Nunca pare. Nunca descanse. Um dia, você será Prima.

Assim como minha mãe era. Assim como meu pai sempre quis.

É o que todos nesta sala querem.

Todos, exceto eu.

Do canto do olho, posso ver a mão do meu pai tremendo. Ele está ansioso por uma bebida. Tentando conter a raiva fervendo dentro dele. A decepção.

Não posso ver o seu olhar, mas sinto-o em mim agora. Como fogo e gelo de uma vez.

"Isso tem alguma coisa a ver com seu mentor?", Ele exige. "Porque você me assegurou, Chloe, que conseguiria."

"Não tem nada a ver com isso," minto novamente.

"Verifiquei com os professores dela do departamento de arte," Mr. Dacosta responde. "Parece que as notas de Chloe em suas aulas de arte estão na média."

Pisco para ele e mordo o interior da bochecha. Curiosamente, estas são as palavras que me irritam mais.

Porque tenho que esconder a verdade. O fato de que arte é minha verdadeira paixão. Que posso pintar, desenhar e esculpir, mas tenho que manter essas habilidades ocultas. Me misturar com o resto dos estudantes e devolver uma obra medíocre para que eu nunca seja notada. Para que assim eu nunca me destaque.

E assim meu pai nunca tire essas coisas de mim.

"Basta dizer-me os fatos," meu pai exige. "É para isso que estou aqui."

"Enquanto apreciamos as contribuições que o senhor fez, Sr. Abernathy", responde Isabel, "Os fatos são que acreditamos que Chloe está destinada ao palco. Que ela está pronta. "

A mão do meu pai balança mais forte, agarrando seu outro pulso para mantê-las no lugar.

"Eu lhe asseguro," ele responde em meu nome "Que ela vai começar a fazer testes a sério. Até o final do semestre. Não é verdade, Chloe? "

"Sim", respondo obedientemente.



E então olho para fora da janela. Para as cores nas árvores, misturando-as numa paleta na minha imaginação para criar algo escuro. Algo sinistro.

E algo livre.

"Até o final do semestre."



Capítulo dois

Keller

Enquanto a sala está calma e quieta, aproveito a oportunidade para sentar na minha mesa e absorver o silêncio. Em breve, ela estará cheia de alunos. Murmúrios baixos e sons colaborativos de lápis, papel, tela e pincéis. Por força do hábito, puxo o calendário no telefone, contando os dias até o final do semestre. Sessenta e três.

Não sei por que isso traz alívio, mas traz.

Este ambiente é sufocante para mim. Mas também é o que mereço.

Esta não era a vida que imaginava para mim há apenas seis anos. Mas há seis anos, tudo mudou. E agora a única coisa que posso fazer para reparar os acontecimentos daquele dia é dizer a mim mesmo que estou fazendo a diferença aqui. Da única maneira que posso.

Ajudando os alunos. Ensinando o que já não posso fazer sozinho.

Essa é a mentira que digo a mim mesmo todos os dias quando entro nesta sala de aula. Quando meus alunos olham para mim com rostos, por vezes, esperançosos, às vezes admiráveis, gosto de acreditar que isto está certo. Que este é o lugar onde preciso estar.

Mas a verdade é que cada um deles já possui os ingredientes necessários. Eles têm o que é preciso. A vontade. Essa é a única coisa que importa. Esse querer vai ser a força motriz de todos os seus esforços artísticos. Essa vontade não vai silenciar ou atenuar as chamas dentro deles.

E sou apenas o tolo que vai ficar na frente, tentando orientá-los para algo que podem sempre apenas aprender por si mesmos.

Vejo isso em seus rostos quando estão me olhando. Quando entram na sala e tomam seus lugares, emoção vibrando nas veias.



Todos eles, exceto ela.

A menina no fundo.

Aquela com o cabelo loiro e pele muito branca. A contradição ambulante que parece com uma boneca de porcelana, mas se veste como um personagem gótico dos desenhos animados. Seus olhos são como de um também. Os maiores, mais azuis, e mais assombrados que já vi.

Ela é a musa de um artista se já vi uma. Trágico.

Dizer que não a notei seria mentira. Ela é a única coisa que ainda pareço notar nesta classe.

As mentiras que ela desenha e pinta com as mãos. Esforçando-se tanto para não tentar de jeito nenhum.

Isso aguça minha curiosidade. E não fico curioso sobre alguém ou alguma coisa há muito tempo.

Ela é uma grande dançarina. Ballet, especificamente, o que faz sentido dando um olhada no seu corpo delicado. Mas aqui ela se senta, nas minhas aulas de arte, sempre tão extasiada com qualquer conselho que tenha para oferecer. Ela nunca fala com ninguém. Nem mesmo comigo. Mas está sempre ouvindo. Observando. Se esforçando para esconder a excitação vibrando através de suas próprias veias.

Há uma expressão de tédio no seu rosto no momento, os olhos saltam ao redor da sala de aula. Um ritual que ela sempre executa. Verifica para ver se alguém está a olhando. Se alguém está a par dos segredos que ela mantém no interior.

Mas eles nunca estão.

Só eu.

A última pessoa nesta sala que deveria estar observando-a dessa maneira. Minha aluna.

Ela é minha aluna.

Lembro-me disso, pela milésima vez, mesmo quando meus olhos se movem sobre suas leggings pretas e blusa desfiada.



E então, como se pudesse sentir meus olhos, ela olha para cima e encontra meu olhar.

Permaneço sentado na minha mesa para esconder a evidência da reação que esse simples olhar produz em mim. Quando todos os alunos se instalaram em seus assentos e tenho a atenção deles, abro o plano de aula na minha mesa e limpo a garganta.

"Vamos começar."



Capítulo três

Chloe

É tarde quando chego ao estúdio.

O verdadeiro estúdio. O único que me interessa.

Gosto de vir aqui nessas horas tardias. Para vê-lo em seu elemento.

Keller Vaughn.

Toda a razão para eu ainda estar na escola.

Meu pai acha que vim aqui pelo programa de dança. As oportunidades de patrocínio e ex-alunos famosos. Mas não poderia estar mais longe da verdade.

A única razão pela qual vim aqui está sentada em sua mesa. Carvão vegetal na mão, papel em branco na frente.

Ele nunca o preenche. Nunca nem sequer toca-o. Mas posso ver em seus olhos. A maneira como está fazendo mágica em sua mente. A maneira como estuda o papel tão intensamente, que mal percebe quando entro.

Ele é um gênio. Um artista. Um professor.

E uma alma danificada.

Sigo sua carreira desde os dezesseis anos. Quando sua obra estava no auge da popularidade. Quando todo mundo queria um pedaço do misterioso 'Rellek'. Foi um movimento explosivo no mundo da arte. Uma revolução. O casamento de arte de rua e arte fina numa colaboração tão viciante que o mundo não pode evitar notar. O mistério do homem que trabalhava dentro das sombras só aumentou o fascínio. A especulação era violenta. Decifradores de códigos tentando descobrir o significado por trás do nome. Detetives e comunidades inteiras on-line de fãs e hatters.

Seu trabalho era controverso. Altamente visível aos olhos do público. Murais nas laterais de edifícios famosos. Edifícios que quadruplicaram de valor simplesmente por



serem tocados por suas mãos. Sua assinatura. Logo, ele estava sendo contratado por canais de proporções absurdas.

Celebridades, universidades, galerias ... todos queriam sua arte. E pouco a pouco, ele cedeu à pressão.

E então um dia, tudo acabou.

Tomado por um fã enlouquecido que detonou uma bomba no teatro lotado onde estava se apresentando. As sombras não puderam protegê-lo do estilhaços. E depois que o número de mortos subiu, e somente os artigos de jornal ficaram, o mundo o conheceu por quem realmente era.

Rellek era simplesmente Keller. Keller Vaughn. A simplicidade do seu pseudônimo chocou os milhões que haviam passado inúmeras horas especulando o que poderia significar. Os fãs que reverenciavam seu trabalho se voltaram contra ele. Culpando-o pelos horrores daquele dia.

Ele se culpa também.

É por isso que senta aqui agora, ainda nas sombras, mas não mais se escondendo. Um artista que não cria.

Sofro com o mesmo sentimento dentro de mim. Essa dor e a saudade.

O que ele vê quando olha para seu papel em branco é a mesma coisa que vejo no estúdio de dança. Repressão.

Está em ambas nossas almas.

E é por isso Keller Vaughn é meu herói.

Minha inspiração.

E também a lembrança da coisa que estou destinado a me tornar.

Ele olha para cima e encontra meu olhar. E algo suaviza em sua expressão. Ele aproveita a oportunidade para descartar a carvão em sua mão. Aquele que ele nunca realmente usou.

"Chloe."

"Oi, Sr. Vaughn," O cumprimento.



Ainda estou com minha roupa de ballet, mas seus olhos permanecem no meu rosto. É uma sensação estranha, no meu mundo estranho. Quando estou tão familiarizada com os olhos no meu corpo. Me examinando. Estudando. Buscando imperfeições. Seus olhos estão no meu rosto. E é completamente desprovido da expectativa que também estou tão acostumada a ver.

É o máximo que já falamos. Estas saudações frívolas.

Mas quero mais. Eu almejo mais.

Vaughn não vai dar isso no entanto. Ele é uma ilha. E estou surpresa que ele me veja, dado o nível de trabalho que entrego.

Ele não vê o eu real.

Mas desejo que pudesse.

Gostaria que ele pudesse ver minha arte. Minha arte real. E que me desse sua opinião honesta. Que ele me dissesse se estou louca por querer as coisas que quero. Ter esperança por coisas que nunca poderei ter.

Ele se levanta e prepara para sair. Está vestido com calça cinza e um suéter azul marinho macio com uma camisa embaixo. A mesma versão de roupa que sempre usa na classe. Profissional sem ser abafado.

Sua perna está lhe dando mais problemas hoje do que o habitual, noto que ele anda ao redor da mesa para ajustar a iluminação. Ele sempre mantém escuro quando está aqui. Só ele.

Mas agora que estou aqui, ele ajusta a luz. Há uma parte de mim que quer dizer que ele não tem que fazer isso. Que gosto de estar nas sombras com ele.

Mas não expresso essa parte minha.

Vaughn não me conhece. Ele acha que sou tranquila. O que é verdade. Mas não sabe a tempestade dentro de mim. Ele não sabe as coisas que penso ou sinto. Especialmente aqui, na sua presença.

Ele nunca poderia saber que estudei todos os aspectos da beleza em sua face. A linha do queixo, a curva do nariz. Os olhos cinzentos que sempre parecem permanecer rasos agora. O fogo apagou de sua alma há seis anos.



Ele usa óculos de armação preta. E o cabelo castanho está sempre arrumado no início do dia, mas irregular no final. Ele gosta de passar as mãos por ele, e eu gosto de assistir.

Ele me fascina. De toda forma.

Ele é um sobrevivente.

E ainda assim se odeia por isso.

Aos trinta e cinco anos de idade, ele parou de viver. Desistiu. Deixou de fazer a única coisa pra qual nasceu.

Então, aqui ele permanece, nesta faculdade de artes, ensinando para alunos desatentos que nunca poderiam apreciar plenamente seus talentos. Porque ele nem se lembra mais quais são eles.

Mas eu lembro.

Ele se move em direção à porta, e uma parte de mim se move com ele. Dói a vontade de confortá-lo. Para dizer que não está sozinho. E que sinto isso também.

Essa morte. Essa solidão solene.

Todas as flores foram cortadas de nossas vidas, e só o inverno permanece dentro de nós.

Inverno completo e frio.

Ele faz uma pausa na porta, da mesma maneira que faz cada vez que ele sai. E espero por isso com a respiração suspensa. Para seus olhos pousarem em mim. Para eu entrar em sua órbita mesmo que apenas por um mero segundo.

"Boa noite, Chloe."

Meu coração bate descontroladamente com as mais simplistas das palavras. "Boa noite, Sr. Vaughn."



Capítulo quatro

Chloe

Críticas do grupo.

Minha parte menos favorita das aulas de arte. Preciso de mais crítica na minha vida como preciso de uma faca no coração.

Tento fingir que suas palavras não doem, mas elas o fazem.

Mordo a língua e aceno.

Eles não sabem que isso não é tudo o que tenho para oferecer. Eles não sabem que todo meu corpo é uma tela de tormento e minhas mãos poderiam pintar um quadro que os levaria às lágrimas.

Eles só me veem como eu quero que eles vejam. A ilusão de ótica.

Mediocridade.

Eu tento dizer a mim mesma que não é verdade. Que posso fazer melhor. Que há esperança.

Mas é difícil se agarrar a essa noção quando sou a única pessoa que já a vi.

"Sinto como se continuasse a criar a mesma peça de novo e de novo", observa Emily. "Somente uma versão diferente."

Espero Vaughn falar. Oferecer sua visão. Entrar e defender a minha honra. Mas seus olhos estão simplesmente no meu rosto. Prestando atenção para uma reação.

Dou de ombros, que é o melhor que posso fazer nestas circunstâncias. Não importa. Nada disso importa. Até que ele fala, e então tudo importa muito.

"Estou inclinado a concordar."

Nessa faca que estava pensando mais cedo? Está lá, alojada em meu coração agora. E não posso me fazer olhar para ele.

É claro que ele concordaria.



Ele é o maior artista que já conheci. Um criador diferente de qualquer outro nesta sala. Em todo este campus, ou mesmo neste país.

O mundo provavelmente não verá outro Keller Vaughn por décadas. Talvez até mesmo séculos.

E esperava que ele ficasse impressionado com essa bagunça quente numa tela?

Há uma pressão na minha cara. Atrás dos olhos, especificamente.

Deus, se meu pai pudesse me ver agora. Quase chorando sobre um pouco de tinta numa tela.

No final, sou sua filha. Então me mantenho inteira. Como um bom pequeno soldado. Bloqueando o resto das palavras e observações deles.

Finalmente, as críticas passam para outra pessoa, e sou deixada no santuário da minha mente. Meu desejo pelo telhado. Para as horas noturnas quando posso finalmente ser livre.

Quando a aula termina, junto meu portfolio e a bolsa e me movo em direção à porta. Mas o Sr. Vaughn me interrompe com uma única palavra.

"Chloe."

Viro-me e encontro seu olhar. Aqueles olhos cinzentos tão tempestuosos que sinto a necessidade de me agarrar a ele antes que ambos sejamos arrastados para o mar. Há uma preocupação nesses olhos. Por mim. E algo mais. Algo que não consigo identificar. Mas gostaria de poder.

"Você se importaria de ficar por um momento?", Ele pergunta. "Gostaria de falar com você."

Ando até sua mesa e tento ignorar a cambalhota do meu estômago. A vibração de nervos e borboletas que sinto toda vez que sua atenção cai sobre mim. Às vezes, o pego me olhando. Mas ele nunca me pede para ficar. E tenho a sensação terrível que vai dizer que sou uma fraude. Para sair da sua classe e nunca mais voltar.

"Sim?"

"Eu não queria te chatear", ele me diz. "Durante a crítica do grupo."

"Você não fez," minto.



Suas sobrancelhas sobem, e surpreende-me um pouco. Mas não deveria. Ele não é como os outros. É claro que pode ver através das minhas mentiras.

"Quis dizer o que disse", ele explica. "Acho que seria benéfico você expandir seus horizontes."

Essas palavras, e sua voz, desencadeiam uma reação em mim. Porque quero expandir meus horizontes. Mais do que ele pode imaginar.

E agora, como resisto diante dele ... sua aluna e sua protegida dedicada, não posso parar meus olhos de viajarem pelo comprimento do seu corpo. Sólido e bem definido. E mesmo que ele seja treze anos mais velho, meu coração bate descontroladamente por ele. Por este homem.

Nunca estive com um rapaz. Mas nunca quero. Eu só quero ele. Nos meus sonhos. Nas minhas fantasias. A inspiração de todas as minhas criações. As que são reais e boas e que o mundo provavelmente nunca vai ver.

"Como posso ajudá-la?", Ele pergunta.

Meu coração está gritando a resposta. Implorando para ele me libertar dessa prisão. Mas a minha boca e cabeça estão fazendo a coisa que sempre faço. Empurrando para longe. Mentindo. Mantendo minha armadura segura no lugar.

"Eu não sei", respondo. "Só estou assistindo essas aulas porque pensei que seria fácil."

A decepção no seu rosto queima pior do que todas as outras que já vi.

"Entendo."

O espaço entre nós é repleto de tensão, e seus olhos estão fazendo aquela coisa que fazem. Movendo-se sobre meu rosto. Mas hoje, se aventuram um pouco mais também. Pelo meu corpo. Sobre minha camiseta desbotada e jeans rasgado. E não acho que meu coração possa aguentar. Estou certo de que ele pode ouvi-lo. Senti-lo bater por ele.

"Tenho que ir", digo a ele.

Seus olhos pulam de volta para os meus, e há confusão em seu rosto.

"É claro", ele murmura. "Você deve ir."



E ainda assim eu não vou. Pelo menos não por mais um minuto completo, em que ambos continuamos a nos olhar. É ele que finalmente quebra o encanto. Tirando os olhos de mim enquanto senta em sua mesa. Voltando sua atenção ao trabalho.

E longe de mim.



Capítulo Cinco

Keller

Quarenta e nove dias.

Até o quê, não posso dizer.

Só que estou ansioso para este semestre acabar. Tento esquecer o fato de que farei tudo de novo no próximo ano. E a cada ano depois disso por todo o futuro previsível.

Porque não consigo ver nenhuma outra alternativa. E porque isso é o que mereço.

Ainda vejo seus rostos. Na minha mente, todos os dias.

Os rostos das pessoas que vieram ver Rellek. Os que morreram naquele teatro por minha causa. Desenho-os em minha mente, todos os dias, para não esquecer.

E sempre me pergunto se tivesse respondido aquele homem, se tivesse prestado mais atenção, se os resultados seriam diferentes.

Agora, nunca cometo o mesmo erro. Sempre presto atenção ao meu redor. Naqueles que me rodeiam.

Especialmente ela.

Hoje, seus ombros estão derrotados na sala de aula. Com os fones de ouvido, a cabeça virada para baixo e a auréola dourada dos cabelos escondendo o rosto bonito e atormentado.



Não sou o único que a percebo. Há dois meninos na parte de trás que têm os olhos nela também. Não posso ter certeza se é o professor em mim ou o homem que lhes diz para voltar ao trabalho.

Ela perde a interação completamente. E, muitas vezes, durante a aula, encontro meus olhos atraídos por ela. Para a curva delicada do pescoço. Nas mãos enquanto trabalham. Tão precisa e tão estagnada.

De todos os meus alunos, sei que ela é a única que precisa de mais trabalho. Não com as próprias habilidades. Mas com permitir-se a liberdade para criar, sem medo. Algo está segurando-a.

E tanto o artista quanto o homem em mim querem persuadi-la a sair, mas de maneiras completamente diferentes.

Em vez disso, evito-a completamente. Mesmo que diga a mim mesmo que estou aqui para ajudar esses estudantes. Para fazer a diferença na vida de alguém. Para fazer algo de bom, num esforço para compensar todo o mal. Não possuo o autocontrole que preciso para guiá-la ao caminho certo. Não confio em mim mesmo sozinho com ela, e ainda assim sei que ela não vai se abrir na frente de ninguém.

A borboleta delicada. A dançarina graciosa. E a artista torturada.

Quero ver o que abriga aquela mente. Quero ver o que ela pode criar quando seu potencial estiver totalmente desbloqueado e desenfreado.

Mas, no fundo da minha mente, também sei que não sou a pessoa certa para dar isso a ela. Sou a pior pessoa para ajudá-la. Disso eu tenho certeza. Porque a mancharia com minha escuridão.

Eu simplesmente sei. Porque não posso evitar.



Capítulo Seis

Chloe

Quando chego ao estúdio à noite, hesito antes de entrar.

Sei que ele está aqui. Porque a sala está pouco iluminada. E posso ver sua sombra no chão de ladrilhos antes mesmo de entrar.

Eu devo ir. Mas não quero.

Então entro e vou para minha mesa. Da mesma forma que sempre faço. Meus olhos baixos. Deixando-o com a sua solidão até que sei que não vou ser pega o olhando.

Mas hoje é diferente. Porque já posso sentir sua atenção em mim. Em vez de sobre seu papel em branco.

"Chloe."

Olho para cima e dou-lhe um sorriso falso conforme coloco minha bolsa na mesa.

"Sr. Vaughn."

"Você passa muito tempo no estúdio", observa ele. "Para alguém que só quer o crédito fácil."

Seu comentário me pega desprevenida. Minhas bochechas queimam, e dou de ombros. Totalmente sem palavras.

Hoje a noite, ele não insiste. O que tanto me entristece quanto agrada. Quero que ele fique. Sempre. Mas quero minha arte também. Meu lugar secreto.



"Vou deixá-la, então", ele diz, enquanto se levanta da mesa.

Mais uma vez, seus olhos permanecem em mim, e os meus sobre ele. Por mais tempo do que poderia ser chamado de apropriado. E brevemente me pergunto se ele me vê como algo diferente de uma estudante. Como alguém que está fora dos limites.

Esses pensamentos o seguiram até a porta quando ele sai sem olhar para trás dessa vez.

Há uma tensão no meu peito enquanto reúno as coisas que preciso e as coloco na bolsa. E então espero, ouvindo o silêncio.

O edifício está vazio e estou sozinha.

Então ando pelo corredor até a escada. Minhas sapatilhas ecoam no espaço cavernoso conforme subo. Até o topo. Onde a única coisa me separando da liberdade é a janela e uma escada de incêndio.

Não é fácil subir até lá com minha sacola, mas consigo. Eu sempre consigo.

E então, com apenas alguns degraus curtos, entro no meu pequeno paraíso.

Tijolo, tinta e uma explosão de cores. Dançarinos se alinham em uma das paredes já. Um projeto que terminei no primeiro mês que comecei a vir aqui. Ao longo da parede oposta está a minha própria versão do Éden, Eva e a maçã venenosa. E o perfil do homem que inspirou esta criação. Não há desejo em seus olhos. Somente fogo. Muito fogo.

Ainda estou tão encantada pela arte como estive na primeira vez que andei para trás para olhar a criação final. As cores são ricas e vibrantes, o tijolo um cenário perfeito. A tela final.

E uma que só eu posso ver.



Ninguém nunca vem até aqui. Para este espaço. É meu. Para fazer o que eu quiser. Para criar e ser livre.

Coloco no chão a minha sacola e tiro os materiais para minha mais nova criação. As paredes eram vermelhas. Uma decoração. Mas conforme eu desenrolo o papel no telhado abaixo de mim, este é o espaço em branco da minha obra-prima.

Em seguida, vem meu iPod. Com as gravações que juntei. Retiradas de inúmeros anos de sessões de treinos. Os vídeos que eram para me ensinar onde estão meus pontos fracos.

Agora os uso para outra coisa. Eu uso para me incendiar.

Minhas roupas saem em seguida. Até que apenas uma calça e um sutiã esportivo permanecem. A música começa a tocar primeiro. Lago dos Cisnes de Tchaikovsky. E então a voz do meu pai.

Encho a mim e a tela abaixo de mim de giz colorido e tinta. E então me incendeio. Movimentando. Sentindo. Autodestruição e ressurreição tudo no tempo da batida de sua voz.

Fraca.

Patética.

Quebrada.

Desgraça.

Trabalhe, sangue, caia, repita.

Novamente.

Um. Dois. Três. Quatro.

A perfeição não é um presente.

Cinco. Seis. Sete. Oito.

Ele é moldada através do reembolso sem fim do seu sangue, suor e lágrimas.



Repete.

Fratura é um sinal de fraqueza.

Rápido.

Eu não vou aceitar nada menos do que excelência.

Rápido.

Açúcar não tem lugar na sua boca ou em suas coxas.

Rápido.

Trabalhe, sangue, caia, repita.

Trabalhe, sangue, caia, repita

As palavras correm através de mim. Moldando minha criação. A fusão de arte e movimento. A única coisa que me faz sentir livre. O lugar em que canalizo todo meu ódio por ele. Por suas expectativas.

E por mim.

O ritmo é interminável. A batida nunca para. Mesmo quando a música cessou e fiquei de joelhos, ofegante. Está lá na minha mente, mantendo o compasso. Sempre mantendo o compasso.

O mundo em torno não existe.

Não até eu abrir meus olhos e encontrar os seus. E então tudo se torna real novamente. Muito real.

Seus olhos estão se movendo em cima de mim. Sobre a minha arte. Ao longo das paredes ao nosso redor. E sobre a parte mais íntima de mim que ninguém nunca deveria ver.

Muito menos ele.

Não posso respirar. E antes que possa pensar, estou me movendo.

Correndo.



Rumo a escada de incêndio.

Longe dele. Longe de tudo.

Mas ele me pega pelo braço. Seu aperto é inflexível, e posso sentir seu perfume antes mesmo que ele me vire para encará-lo. Para o enfrentar.

"Chloe?"

Há uma confusão em seu rosto. Tanta confusão. Uma demanda por respostas. Respostas que não tenho para dar.

Quero que ele se sinta vulnerável, neste momento. Da maneira que me sinto. Então digo a única coisa que posso pensar.

"Rellek."

Seu aperto em mim aumenta, e os olhos se movem mais baixo. Mais baixo.

Como se só agora ele estivesse percebendo o quão pouca roupa tenho, e quão perto nossos corpos estão. Seu calor misturando com o meu neste telhado frio sob a lua.

"Você gostou?", Pergunto.

"O quê?" Os olhos pulam de volta para os meus.

Então fico na ponta dos pés e faço a coisa que queria há tanto tempo. Eu o beijo. E ele me beija de volta. Puxando meu corpo perto do dele. Tão perto que posso sentir seu desejo por mim. Pressionado contra meu estômago.

Nós devoramos um ao outro. Pelos dois melhores minutos da minha vida inteira.

E então tudo vai embora. Porque ele leva embora.

Recuando e agitando-se para fora de tudo.

"Chloe ..."

Seu tom é agonizante. Apologético.



"Não", digo a ele. "Não diga que é errado."

Meus olhos se movem para suas calças. E ele mexe seu corpo para esconder-se, passando a mão pelo cabelo.

"Sou seu professor. Isso nunca poderia acontecer. "

"Já aconteceu", respondo." Está acontecendo todos os dias. Você não pode olhar para mim agora e me dizer que não é verdade."

"Nunca fui inapropriado com você", ele responde.

"Mas queria ser. E eu queria que você fosse."

Seus olhos se movem de volta para mim, e posso ver que ele quer discutir. Mas as palavras não vêm.

"Eu não devia ter vindo aqui," diz ele. "Só queria te ver."

E então ele se afasta. Descendo a escada de incêndio e fora da minha vista.

Deixando-me na noite fria e amarga.



Capítulo Sete

Chloe

Pelos próximos sete dias, ele usa a evasão para lidar com o que aconteceu entre nós.

Eu continuo a dançar. E continuo a declinar. Nem sequer é intencional da minha parte. Mas a pressão. Não posso lidar com a pressão. O tique-taque incessante do relógio acima da minha cabeça. Minha vida útil como dançarina. A repressão da única coisa que mais quero. Isabel está em cima de mim. Meu pai está ligando incessantemente. E estou gastando mais tempo do que nunca em cima do telhado.

Meu desenho para a aula não melhorou também. Mas não importa. Nunca importa o que eles pensam.

Isso é o que digo a mim mesma.

Até a crítica do grupo de hoje. Quando o Sr. Vaughn vê a tela e franze a testa.

É outra dançarina. Graciosa e elegante e a imagem perfeita da mesma coisa que poderia comprar numa tela em qualquer cadeia de lojas. As que meninas penduram em seu quarto quando sonham com ballet. Não é o meu melhor. É apenas uma imitação do meu melhor. Uma sombra.

E antes que qualquer um dos outros alunos possam dar suas opiniões, o Sr. Vaughn se faz alto e claro com uma simples palavra.



"Não."

Pisco para ele, e assim fazem alguns dos outros. Vaughn sempre foi calmo. Sua orientação sempre foi bem comportada. Mas agora, ele certamente não está. E sua calma está longe de ser encontrada, substituída por raiva súbita.

"Você pode fazer melhor do que isso, Chloe."

Roço meus dentes e mordo de volta a minha própria raiva conforme o vejo observando a minha tela com desdém.

"Eu fiz o melhor que pude", respondo. "Pensei que isto era aberto à interpretação."

"Não", ele diz novamente.

Uma das meninas próximas a mim se mexe desconfortavelmente e foge para longe como se eu não pertencesse aqui. Ela está certa.

"Se quiser ficar na minha classe, precisa fazer um esforço."

Lágrimas queimam atrás dos meus olhos, mas não o deixo ver. Não deixo qualquer um deles ver.

Simplesmente recolho meu portfolio e minha bolsa e dou o que ele obviamente quer.

Saio da sala, levando junto meu orgulho ferido.

Já se passaram três dias desde que fui até o telhado.

Desde que saí da sua classe e recuei de volta para mim mesma. Para a única identidade que conheço.



Estou dançando melhor do que nunca. Isabel está satisfeita. Ela diz que estou mostrando grande melhoria do susto que dei a ela na semana anterior. E, de repente, está tudo certo no mundo novamente.

Digo a mim mesma que é o melhor. Que é para isso que sempre estive destinada. Dançar, e apenas dançar. Meu pai vai ser feliz. Sr. Vaughn será feliz.

Todo mundo ganha.

Minha arte caiu no esquecimento. E quando chego até o telhado esta noite, é com apenas uma intenção em mente.

Vou destruí-lo. Tudo.

Isso é o que me propus a fazer.

Mas quando chego esse impulso é substituído por outra coisa. Porque lá na parede oposta a mim, na minha visão do jardim do Éden, Eva renasceu.

Repintada.

Numa semelhança comigo tão surpreendente e intensa, que o ar escapa dos meus pulmões e meus pés não podem se mover. É demais para minha mente compreender. Para absorver. E, no entanto, não consigo desviar o olhar. Ela é primorosa. Angelical. Pura e intoxicante por natureza.

Até mesmo a simples curva de seu braço conforme ela segura o fruto proibido na palma da mão parece mortal e pecadora. Magnética. Tudo sobre a imagem atrai o espectador. Selando o olho de uma forma que só sua obra de arte poderia.

Ele fez isso.

Sr. Vaughn fez isso.

O vento agita atrás de mim, carregando seu perfume na brisa. Ele está aqui agora. Silencioso. Nas sombras atrás de mim. Esperando e observando.



Rellek.

É ele, percebo. A outra metade do Sr. Vaughn. O artista que não pode se ajudar. O Jekyll para seu Hyde.

"É assim que me vê?", Sussurro.

"Como poderia ver de outra maneira?", Ele responde.

O calor do corpo se aproxima, embora seus pés não façam nenhum som. E, em seguida, sua respiração está agitando o cabelo atrás da minha orelha, enviando um arrepio na minha nuca.

"Eu sinto muito, Chloe."

"Pelo que está se desculpando?", Pergunto.

Ele permanece atrás de mim. Mascarado na escuridão. Nenhum de nós capaz de enfrentar um ao outro conforme sussurramos nossos segredos para a noite.

"Sinto muito pela forma como te tratei na sala de aula", ele me diz em voz solene. "E sinto muito que não pude ficar longe de você quando deveria."

O silêncio desce sobre nós, mas não é desconfortável. É como se nos conhecemos desde sempre. Duas almas reunidas após inúmeras vidas procurando-se.

"Você é toda a razão de eu estar aqui", confesso. "Tenho acompanhado seu trabalho desde o início. Eu o segui. "

Ele está quieto e ainda atrás de mim. E aquele medo está lá, dentro de mim, como sempre. Que ele vai me rejeitar. Que ele vai sair.

Mas ele não faz isso.

"Eu não sou mais aquele homem", diz ele finalmente. "Eu nunca fui, Chloe."



"Eu sei quem você é," argumento. "Então, não me diga. Vejo você todo dia. Você fez isso em mim. Você criou isso ... para mim. Você acha que não entendo o que isso significa para você? "

Posso sentir a tensão crescente em seu corpo, expandindo para o meu. Ele ainda está tentando resistir. Mas só porque sua mente lhe diz que é errado. Mas seu corpo ...Sinto o que seu corpo está lhe dizendo. Que nada jamais foi tão certo.

"Eu só queria que soubesse que eu sentia muito", ele diz novamente. "E que entendo agora."

"Você entende o que?"

"A música que estávamos dançando", explica ele. "Isto é sobre seu pai. não é?"

Desta vez, sou eu quem tenta afastar-se. Mas ele estende a mão e me para. Segurando minhas costas ao seu peito, apenas mais perto. Muito mais perto.

"Precisa de alguém para lhe dar permissão?", Ele sussurra em meu ouvido.

Meu corpo ganha vida para ele, e derreto em seus braços. Flexível. Estou aberta a qualquer coisa que ele tenha para me oferecer no momento.

"Sim."

"Estou te dando permissão, Chloe", ele me diz. "Quero que me mostre o que é realmente capaz de fazer. Quero que me mostre a menina que criou tudo isso. "

Inclino a cabeça para trás contra seu peito e o olho. Ele não protesta, apesar de nossos lábios estarem agora apenas a um sopro de distância. Tão perto e tão longe.

"E se eu não for boa o suficiente?", Pergunto-lhe.



"Você nunca será boa o suficiente," ele me assegurou, seus dedos chegando a tocar a minha testa. "Aqui. Um artista nunca é. "

"Essa não é a razão de você fazer isso", eu respondo.

Minhas palavras o surpreendem. Elas eram de uma entrevista que ele deu. Lá atrás nos dias do circo da mídia que o cercava.

"Não", ele responde. "Não é por isso que fazemos. Fazemos porque não há outra opção. Porque dentro, você morre se desistir. "

"Mas *você* desistiu."

Ele está calmo agora. Pensativo.

"Você me fez querer fazer tudo de novo", ele admite finalmente. "Quando te vi aqui em cima."

"Então, por que não faz?"

"Porque essa parte da minha vida acabou. Quero ajudar as pessoas agora. Quero ajudá-la, Chloe. É por isso que é melhor que eu saia."

"Acho que deveria ter voto no que é melhor para mim," respondo. "E não é isso."

Ele se afasta e caminha ao longo da parede, virando o rosto para longe de mim. De modo que não posso lê-lo. Para que possa mentir para mim sem pesar.

"O que quer?", Ele pergunta.

"Eu quero isso," digo a ele. "Quero o movimento do corpo, a figura humana, e tinta. Uma fusão. Quero liberdade. Gosto de dançar, mas em meus próprios termos. Ninguém consegue isso."

Ele se vira e seus olhos são suaves. Abertos de uma maneira que nunca vi.

"Entendo."

"Essa não é a única coisa", digo a ele. "Eu quero você. Quero isso também."



Ele não fala. Nem se mexe. Seus olhos estão em mim. Imaginando as coisas que sua mente lhe diz que são erradas. As coisas sujas que ele quer fazer comigo. Eu posso vê-las.

Não há como esconder.

Dou um passo para a frente. E depois outro. Até que estou na frente dele. Até que não há outro lugar para ir.

"Você quer me tocar, Sr. Vaughn?", Pergunto-lhe. "Porque você pode."

Ele engole e desvia o olhar. Mas não pode esconder a protuberância em sua calça. Ou o calor que irradia de seu corpo.

"Às vezes temos que desfrutar de coisas que a sociedade não aprovaria," digo a ele.

Outra citação sua. De outra entrevista. Numa vida passada. Um tempo tão esquecido que questiono se ele é o mesmo homem por baixo.

"Essas são as palavras de alguém que era ignorante, Chloe," ele responde. "Alguém que não sabia de nada."

"Você está errado," eu argumento. "Essas são as palavras de alguém que era livre."

Estendo a mão hesitante e encontro a sua. Ele não se afasta, enquanto corro meus dedos sobre a carne da sua palma.

"Como foi?", Pergunto. "Criar de novo? Fez você se sentir vivo? "

Sua voz é grossa quando ele responde, e honesta também. "Sim."

"Você me faz sentir viva," sussurro. "Portanto, não pode estar errado."

Seus olhos se movem ao longo do meu rosto, e, em seguida, a outra mão segue. Me tocando. Sentindo todas as curvas e vales dos meus traços.



Memorizando-os. E sei neste momento que aquela pintura minha não será a última que ele fez.

Seus dedos mergulham mais baixo. Mais baixo. Até que estão sobre a minha clavícula e para baixo do meu ombro. Estou respirando com dificuldade agora. As borboletas no meu estômago estão fora de controle. Há fogo em minhas veias. E um desejo tão perigoso que temo que pode tornar-me viciada neste sentimento. Por ele.

Ele sente também. E agora, ele é impotente com isso. É um escravo do desejo. Ele puxa meu corpo contra ele e, em seguida, pressiona os lábios nos meus. Mordendo o lábio e, em seguida, acalmando a dor com um beijo.

"Porra, Chloe," ele murmura contra mim. "Porra. Nós não podemos."

Ele tenta se afastar. O puxo de volta e deslizo as mãos por dentro da blusa, sentindo o calor de sua pele por baixo.

"Eu quero você dentro de mim."

Ele geme. E essa é a maior agonia que já ouvi num único som.

"Sinto que vou morrer se não der isso para mim," imploro.

E, em seguida, sua mão está deslizando para dentro do meu short. Diretamente entre as minhas pernas. Para o lugar que nenhum homem jamais tocou. Empurro e ele geme novamente.

"Cristo", diz ele. "Santo Cristo, você está tão molhada para mim."

"Por favor," Imploro novamente.

Ele me toca. Exatamente onde preciso que o faça. Seus dedos suaves enlouquecendo a dor dentro de mim. Os lábios encontram minha garganta e ele me saboreia. Sussurrando confissões secretas contra minha pele na escuridão. Sobre o quanto ele me quer também. Sobre as coisas que pensa disso.



Coisas sujas. Coisas depravadas.

Ele diz que quer me foder forte, sujo e gozar dentro de mim. Ele me diz que quer degradar a pequena bailarina perfeita. Amarrá-la na cama e nunca deixá-la sair.

Eu gozo para ele. Gozo tão forte para ele. Durante todo o tempo pedindo-lhe para fazer tudo.

Mas ele não faz.

Assim que estou recuperada da experiência mais intensa da minha vida, ele se afasta e olha para mim com pesar.

"Keller?" Sussurro.

"Sinto muito", ele diz novamente. "Sinto muito, Chloe. Eu tenho que ir."



Capítulo Oito

Keller

Estou pintando novamente.

Com uma necessidade enlouquecedora e uma insaciável sede de mais.

Nem sequer sei o que é até que paro. E vejo o rosto de um anjo me olhando.

Um anjo em posição de ponta, coberto de tinta.

Da maneira que a imaginava naquele andar enquanto a assistia dançar. Observava a maneira como seu corpo mudava. Vivo, livre e coberto de tinta.

Antes que possa parar, estou abrindo minhas calças. Buscando meu pau e me masturbando com a imagem. A imagem dela. De seu gosto e seu cheiro, que ainda estão em meus dedos.

Porra.

Porra, porra.

Nunca quis tanto algo na vida.

A tentação de atraí-la e destruí-la da maneira que faço com todo o resto é demais. Ela é jovem. Flexível. Vulnerável. A procura de alguém para guiá-la de uma forma que não posso. Eu apenas a corromperia.

Isso não me impede de gozar conforme penso em foder seu rosto bonito. Conforme me imagino curvando-a sobre a mesa na minha sala de aula e pintando seu corpo com os dedos.



Provando-a, agradando-a e mostrando-lhe qual a sensação de estar com um homem.

Um homem treze anos mais velho.

Cristo.

Limpo a vergonha e cubro a pintura para que não tenha que olhá-la. Então posso fingir que não existe. Que nada disso aconteceu. Que não me perdi. Que não perdi o controle.

E que Chloe só vai permanecer como deve ser para mim.

Uma aluna.

Quando ela vem para a aula no dia seguinte, espero sua esquiva.

O que recebo, ao contrário, é outra coisa. Algo que não vi nela antes.

Determinação.

"Sr. Vaughn," ela me cumprimenta.

Apenas o som de sua voz dizendo meu nome deixa meu pau duro debaixo da mesa.

"Sim, Chloe?"

"Tenho uma proposta para você."

Olho ao redor da classe enquanto os outros alunos entram, me perguntando se é isso. Se esta será minha ruína. Se ela vai me envergonhar na frente deles como realmente mereço.



"Nossos projetos finais estão chegando em breve," diz ela. "E uma vez que este é meu último semestre aqui, estava esperando que pudesse ajudar com o meu."

Pisco para ela. E de repente estou menos preocupado com minha vergonha do que as palavras que ela acabou de proferir.

"O que quer dizer com é seu último semestre aqui?", Pergunto. "Você apenas começou."

Ela franze a testa e dá de ombros da maneira que muitas vezes faz quando está chateada.

"Meu pai quer que eu comece a fazer testes para companhias," ela responde com voz plana. "A vida útil de uma bailarina é curta, e ele só concordou em me deixar aqui por um ano. Mas agora..."

As palavras dela derivam, e estou irracionalmente irritado em seu nome. É claro para mim que, embora Chloe adore dançar, não é a coisa que ela quer fazer. Diria que deveria estar claro ao pai também, mas sei muito bem que não é o caso.

Eu ouvi as gravações. Ouvi a voz dele. Degradando-a. Destruindo-a.

O que é provavelmente a razão dela estar diante de mim agora, com os grandes olhos azuis me olhando com admiração.

Ocorre-me neste momento que ela tenha problemas com o pai. E também ocorre-me que a última coisa que quero que ela veja em mim é uma figura paterna.

Ela não deve me admirar. Ou olhar para mim para ter ajuda. Ela deveria estar correndo tão longe quanto possível. Mas não posso deixá-la ir. Não posso deixá-la seguir esse caminho quando sei que vai destruí-la.



Assim como a insistência de meu pai para eu seguir um percurso acadêmico me destruiu. Ele queria algo real. Porque arte não é algo para ganhar a vida, ele dizia.

E por incrível que pareça, nunca tive que me preocupar com dinheiro.

Não é por isso que estou aqui agora.

Mas também não é a necessidade urgente de ajudar a menina perdida na minha frente.

Ainda assim, meus lábios estão falando antes que eu possa impedir.

"Como posso ajudá-la, Chloe?"

Minhas palavras trazem alívio, e vejo como ela se abre para mim. Provavelmente a primeira vez que se abriu a alguém desta maneira. Respeito o presente que isso é conforme ouço atentamente tudo o que ela tem a dizer.

"É grande," ela responde timidamente. "Quero algo realmente grande."

"OK."

Ela está procurando meus olhos para dúvidas. Para qualquer coisa que vá provar que é uma ideia tola. Mas não posso e não vou fazer isso com ela.

Ela continua.

"É uma série," diz ela. " De fusão de movimento e tinta. Já os escolhi. "

"Diga-me o que são," insisto.

Ela olha por cima do ombro, mais uma vez, verificando para ter certeza de que não está se envergonhando. Que ninguém mais tem acesso a este momento vulnerável. Ninguém além de mim.

Eu não deveria gostar disso. Mas gosto. Gosto muito. E sou egoísta por querer mais desses momentos vulneráveis.



"Como o Natal está chegando, estava pensando em O Quebra-Nozes na tela," ela me diz.

A ideia é brilhante em sua simplicidade. A ideia do seu corpo e seus pés clamando pela tela com um clássico. O público tentando reverter a engenharia dos movimentos em suas mentes conforme capturam cada respingo de tinta com seus olhos.

"É perfeito," digo a ela. "Não tenho dúvidas que vai ser enorme, Chloe."

"Mesmo?"

Ela acende-se sob meu louvor, e meu pau está pressionando a costura da calça. Porra.

"Sim, realmente," respondo.

"Bem, há um pouco mais. Estava pensando numa sequência de ioga também. Sei que já foi feito antes. Mas há uma classe na cidade. Para amputados."

Ela fica quieta por um momento, e sei exatamente o porquê. Isso me bate bem na porra do intestino, suas palavras. Seu significado. Conheço as pessoas nessa classe. Muitas delas são as mesmas caras do teatro naquele dia. As pessoas cujas vidas alterei irrevogavelmente.

"Pensei que poderíamos dar-lhes uma chance de criar algo bonito," diz ela suavemente. "Para mostrar que a beleza ainda existe, mesmo após o mais escuro dos dias."

Posso imaginar o que ela está falando em minha mente. Novamente, a ideia é surpreendente na sua simplicidade. Mas o que está pedindo de mim é enfrentar meus demônios. Enfrentar as pessoas que destruí. Simplesmente por serem fãs do meu trabalho.

"Chloe, não estou certo se ..."



"Já falei com o grupo," ela me corta. "Temos um punhado de participantes dispostos. Eles estão realmente animados com isso, Sr. Vaughn. Querem se conectar a você. Eles querem fazer isso."

Cristo. Não sei como dizer não.

Não posso dizer não a isso.

Devo-lhes muito. Ela vê isso na minha cara. A renúncia. A derrota. E tira vantagem.

E nesse momento, percebo que talvez Chloe não seja a única que deva correr de mim. Talvez eu devesse correr dela.

"Pensei que poderíamos capturar algumas imagens durante o processo, também," ela continua. "Para realmente trazer isso à vida."

"Claro", sufoco. "Isso seria ... ótimo, Chloe."

"Há mais duas peças," diz ela.

Sinto a necessidade de tomar uma bebida. Mas continuo ouvindo ao invés disso. A dar a ela minha atenção e ignorar o pânico arranhando dentro de mim com a perspectiva de enfrentar meu passado.

"Uma delas será uma peça viva," ela me diz. "No final. Lago dos cisnes."

"E a última peça?", Pergunto.

Ela sorri, e isso me perturba.

"Essa é uma surpresa. Vou ter que trabalhar nisso depois. Mas preciso de sua ajuda com o resto. Então, pode fazê-lo? "

"Está falando de um projeto de escala muito grande, Chloe", respondo.

"Tem certeza que pode fazê-lo com todas as suas responsabilidades?"

"Sim", ela responde desafiadoramente. "Absolutamente."

Que escolha tenho quando ela está me olhando desse jeito?



"Ok", respondo. "Então sim. Vou te ajudar."



Capítulo nove

Chloe

Sr. Vaughn chega no telhado exatamente na hora que combinamos. E a princípio, ele parece aliviado ao descobrir que não estamos sozinhos.

Até que seus olhos vão para Bastien.

E, embora essa realmente não fosse minha intenção, tenho o prazer de ver a faísca de ciúme em seus olhos. O macho alfa inconfundível que exerce seu domínio com um único olhar em minha direção.

"Bastien vai ajudar com a peça," explico. "Precisamos de pelo menos dois dançarinos. E não achei que estivesse preparado para esse trabalho."

Quero dizer isso como brincadeira, mas Sr. Vaughn não parece levar dessa forma. Ele está avaliando Bastien, que é reconhecidamente muito bonito. Mas não é por isso que o escolhi. O escolhi porque ele é agradável e um bom dançarino, e sei que pode manter os lábios fechados sobre o projeto até a revelação final.

Mas agora, ele meio que parece querer fugir. Quebro o silêncio constrangedor, entregando ao Sr. Vaughn a pintura que já preparei e, em seguida, tiro o meu moletom. Já estou vestida com um collant, saia e sapatilhas de ponta. Pronta para ir.

Bastien está também, com uma faixa de dança e collants. E nada mais. O que é talvez parte do problema. Mas preciso dele para apoio já que estamos usando tinta. Já personalizei minhas pontas e plantas dos pés com camurça, mas Bastien



sabe no que prestar atenção uma vez que esta é uma superfície diferente daquela que normalmente estaríamos trabalhando.

"Ok." Sacudo-me e tomo fôlego. "Sr. Vaughn, se importaria de colocar a música? "

Ele assente com a cabeça e aperta o botão no meu iPod. Há um atraso intencional de dois minutos em que mostro a ele em que intervalos adicionar tinta na superfície e onde.

E então a música começa.

Para o 'pas de deux'¹, Bastien e eu assumimos nossos respectivos papéis de Fada Sugar Plum e seu príncipe. Começamos em extremos opostos da tela antes de chegarmos juntos e nos movermos no ritmo. A música é lenta e graciosa, proporcionando a oportunidade perfeita para aplicar a tinta em cada intervalo.

Mesmo enquanto trabalha, Sr. Vaughn não tira os olhos de mim nem por um segundo.

É a primeira vez que ele me vê dançar assim.

Não de forma livre, mas com as habilidades que tenho aperfeiçoado ao longo dos intermináveis anos de trabalho. E ele está hipnotizado.

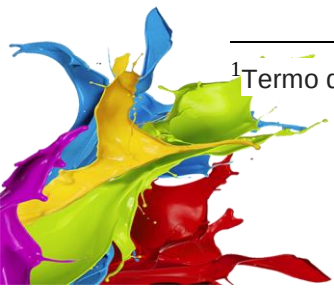
Mesmo depois da música terminar, ele não perde o foco, completamente alheio ao fato de que Bastien ainda está aqui.

"Muito obrigada." Viro para Bastien e dou-lhe um abraço. "Realmente aprecio a sua ajuda esta noite."

"Precisa de mim para ajudar a limpar?", Ele pergunta.

"Não, está tudo bem", digo a ele. "Eu cuido disso, mas obrigada."

¹Termo do ballet clássico que, em francês significa "Passo de dois".



Estou ansiosa para ele ir. E sei que o Sr. Vaughn está também. Porque posso ver em seu rosto. O último fio do autocontrole. Preparando para quebrar.

Nem sequer tive a chance de entrar na pintura. A única coisa que posso ver agora é ele.

E assim que Bastien desaparece na escada de incêndio, ele está em mim.

Não expresso quaisquer preocupações que estou coberta de tinta ou que o estou sujando também. Nem sequer tenho essa oportunidade antes de seus lábios estarem nos meus, quente e possessivo. Línguas e dentes se chocando enquanto ele rasga minhas roupas. Guiando-nos para um espaço em branco do papel numa pilha, e o ajudo se livrar da minha saia e collant, até que não há mais nada em mim, só minhas sapatilhas de ponta. E então ele se inclina para trás para absorver o momento, assimilando-me inteira. Coberta de tinta, meu peito subindo e descendo ao luar. Desesperada por ele. Por isso.

"Porra, Chloe," ele me diz, mesmo quando tira a camisa. "Eu não posso."

Mas sei o que as palavras significam neste momento. Ele não pode mais se segurar. E não quero que ele o faça.

Então alcanço suas calças e puxo o zíper. Ele dá uma respiração forte e arranca as calças antes de deitar o corpo no meu.

A rigidez na minha maciez. O grande no meu pequeno. A corrupção na minha inocência.

Ele está me observando de perto. Procurando por qualquer protesto que eu possa ter. Suplicando, penso eu, para dar-lhe um. Mas não o faço.

Em vez disso, alcanço entre nós e envolvo minha mão ao redor de seu pau. Quente, duro e grosso.



"Cristo." Ele treme quando o acaricio e chuta a paleta de tinta ao nosso lado, salpicando-a em ambos os corpos.

Eu sorrio, e ele também. E então ele se abaixa e esfrega a palma da mão no azul, usando a mesma palma para pintar a lateral do meu corpo e rosto.

É a coisa mais erótica que ele poderia ter feito. E estou ofegante por ele. Molhada para ele. Pegando fogo por ele.

Meu artista e minha inspiração.

Empurro e ele rola então estou em cima. E repito a ação com minhas próprias mãos, mergulhando-as no vermelho e preto e clamando seu corpo com minha própria marca. Seu pau está imprensado entre minhas coxas e estou esfregando meus quadris contra ele, deslizando sobre ele.

Ele senta e me puxa para mais perto, para que eu esteja em seu colo. E então traz os lábios na minha garganta, beijando-me. Adorando-me.

"Vou te foder agora," ele me diz.

"Sim."

E então ele está levantando meus quadris, posicionando-se dentro de mim. É íntimo nesta posição. Onde nós dois podemos ver tudo. Sentir a respiração um do outro e a pele pressionada tão perto.

Ele deixa meu quadril cair e encontra minha resistência.

Há um lampejo de confusão em seus olhos, e então a pergunta em sua mente.

Não dou tempo para ruminar. Agarro seus ombros e me empurro todo o caminho para baixo, levando-o totalmente dentro de mim com um suspiro.

"Chloe?"

"Não teria desejado que fosse qualquer outra pessoa," sussurro.



E então meus lábios encontram seu pescoço e o beijo, tirando suas dúvidas e destruindo qualquer moral que ele acha que ainda possa manter nesse momento.

Elas desaparecem facilmente, sob minhas ministrações. E logo ele está me guiando. Me ensinando. Da maneira como faz melhor. Com as mãos.

Com seu brilhantismo.

Fodendo-me tão intimamente, tão perto. Suas mãos estão em todo meu corpo. Deslizando pelas minhas costas e peito. Enroscando no meu cabelo para puxar minha cabeça para trás e expor meu pescoço.

É lento no início. Rítmico.

Mas quando ele me faz gozar, posso senti-lo se desprendendo também. Chegando perto. A tensão floresce em seu corpo. A necessidade de foder. A necessidade de foder forte.

"Faça," digo a ele. "Leve-me. Faça-me sua, Sr. Vaughn. "

Ele rosna e me vira de costas, os quadris encaixam entre os meus conforme seu bíceps estica e contrai acima de mim. Impulso após impulso poderoso, e ele inclina a cabeça para trás com um gemido. Gozando dentro de mim.

Isso choca nós dois. Mas também me dá uma emoção secreta. Brincando com fogo. Já sabia que ele me queimaria.

"Merda," ele resmunga. "Sinto muito, Chloe. Eu não estava pensando."

Minha única resposta é tocar seu rosto sob meus dedos. Marcando-o com a tinta que sobrou na esperança de transferir minha gratidão. Para lhe permitir se libertar dos limites de nossa relação aluno-professor. Para dividir este momento comigo.

Meu primeiro.

Meu tudo.



Ele não recua, mas agora que seu desejo foi saciado, posso vê-lo questionando isso. O que fez. Ele me dá um beijo nos lábios e se senta.

"Você não tem que se preocupar," digo a ele. "Estou tomando a pílula."

Ele balança a cabeça, e os dedos se enrolam nos meus. Seu calor com meu frio. A única âncora que já senti na vida.

"Chloe?"

"Sim?"

"Não tenho a porra de nenhuma ideia para onde ir a partir daqui."



Capítulo dez

Keller

Um homem melhor teria se afastado.

Não sou um bom homem. Sabia disso antes. Mas está claro agora.

Porque não posso ir embora. Não consigo parar de pensar em seu corpo.

Não consigo parar de querer deitar com ela uma e outra vez.

Sua rendição.

Essa é a coisa que mais quero.

Eu a clamei, e ela é minha.

É ferrado. É predatório. Errado em todos os níveis.

Mas ela é a única coisa que preciso agora. Dói admiti-lo. Que sucumbi a essas maneiras libertinas.

Afinal de contas, sou um mero mortal. Um escravo dos meus desejos hedonistas. E ela é uma deusa de sapatilhas. Uma deusa que quero rebaixar de todas as maneiras imagináveis.

Então, quando entro em meu escritório esta manhã e a encontro na minha cadeira, com a mão na saia, isso me agrada além da medida.

Ela olha para mim com os olhos semicerrados, um beicinho nos lábios, e nenhum pingo de vergonha para ser encontrada.

"Está pensando em mim?" Pergunto conforme coloco minha maleta de lado.



"Em quem mais pensaria, Sr. Vaughn?", Ela sorri.

Porra. Em mim.

Aquele sorriso, aquelas palavras ... ela sabe o que está fazendo comigo. Ela parece inocente. Ela era inocente até que a toquei. Mas agora, ela não é mais nada disso.

"Eu disse que podia se tocar?" Pergunto a ela.

Suas pupilas dilatam e ela responde às minhas palavras duras. Sua mão se movendo mais rápido. Seu peito subindo ainda mais conforme seus mamilos aparecem no tecido fino da camisa.

"Eu quis esperar, mas você demorou demais."

"Sabe que isso é errado, Chloe," Tento argumentar com ela novamente. Ou talvez seja a mim que tento lembrar. Não tenho mais ideia.

"Mas você gosta tanto disso," ela argumenta. "Você gostou na noite passada."

Não respondo, porque nós dois sabemos que é verdade.

"Acho que gosta da ideia de me controlar," ela sussurra.

Todo o sangue do meu corpo vai para baixo. E estou surpreso por sua sinceridade. O jeito que ela me lê tão bem. Ela é jovem, mas ela não é ingênua.

É o que digo a mim mesmo antes das próximas palavras saírem da minha boca.

"Fique de joelhos."

Ela responde. Sem protestar. E quando fico na frente dela, seus olhos se movem para o pau preso dentro da minha calça. Sua língua molha os lábios, e agarro seu rabo de cavalo.



"Este é Rellek," ela sussurra enquanto olha para mim com os olhos azuis pecaminosos.

"O que?"

"Sempre soube que você tinha dois lados," ela responde. "Rellek e o Sr. Vaughn."

Sua visão me irrita. Então, abro a calça e dou à boca dela uma melhor utilização empurrando meu pau ali.

É úmido, quente e perfeito, o som de asfixia dela sobre ele quando atinjo o fundo da garganta.

"É isso que queria?", Pergunto.

Ela balança a cabeça e murmura em volta de mim.

E quando a olho, as pernas separadas, as mãos delicadas nas coxas... quase explodo com a visão.

Seguro seu rosto e a uso. Uso sua boca. A testo. Fodendo com ela como um brinquedo. Na esperança de que talvez vá me dizer para parar. Talvez vá nos salvar da perda de controle. Mas ela não o faz. Ela o come. Absorve tudo o que tenho para dar para ela e implora por mais.

Meu pau desliza para dentro e para fora de sua garganta num ritmo torturante, os sons vibrantes todo o caminho através das minhas bolas. Quando gozo, não a deixo se afastar. Eu a faço levar tudo e engolir, agarrando seus cabelos e amaldiçoando minha libertação.

Amaldiçoando a maneira que sinto isso.

Gostaria que ela nunca tivesse pisado na minha classe. Nunca me chamado a atenção.

Este belo veneno fodido.



Ela vai me arruinar.

Me afasto e fecho as calças, passando a mão pelo cabelo. Acalmando-me antes de voltar a atenção para ela.

Minha parte sensata quer dizer a ela para sair. Que estou satisfeito. Que tive o suficiente.

Mas a parte sádica sabe que não posso.

Nunca será o suficiente.

Porque preciso arruiná-la também.

"Você gostou?" Pergunto a ela. "Gosta de ser tratada como uma prostituta? É como vai ser comigo."

Ela sorri novamente e lambe os lábios inchados. "Acho que já sabe a resposta para isso, Sr. Vaughn."

Sento na minha mesa e digo a ela para rastejar para mim. Ela faz. Desse jeito.

Duas vezes foda.

Eu a puxo no meu colo e a beijo. Doce dessa vez.

Ela se derrete em mim e geme. Seu corpo é um fio vivo agora. No limiar de explosão. Só um simples toque meu poderia fazê-lo.

"Você não vai gozar hoje," murmuro contra ela.

Ela pisca para mim e o fogo retorna aos seus olhos. "O que quer dizer?"

"Eu tomei você e a fiz minha, Chloe. Quer jogar comigo, tem que ser pelas minhas regras. Você não começa a brincar consigo mesma, a menos que eu diga para fazer. "

Ela morde o lábio e espero um argumento sair. Mas em vez disso, ela apenas balança a cabeça.



Exatamente do jeito que seu pai a treinou.

Jesus Cristo.

Isto é além de fodido.

Então, por que quero tanto?

"Amanhã," digo a ela. "Venha ao meu escritório depois de dançar. Quero que se incline sobre a mesa às oito horas. "

"Ok, Sr. Vaughn."

Beijo-a novamente no pescoço, sentindo o pulso bater descontroladamente em meus lábios.

"Sem calcinha," acrescento. "Mas mantenha sua saia e meia calça."

Ela me beija nos lábios e depois se afasta. "O que quiser, Sr. Vaughn."



Capítulo onze

Chloe

Passo a manhã na aula de ioga para amputados. Conhecendo as posições. As pessoas. Tentando fazer uma sequência na mente.

Virei muito aqui, enquanto trabalho neste projeto. Mas o Sr. Vaughn não.

Ele concordou em estar lá para o projeto real. Quando a arte estiver acontecendo. Sei que é porque não quer enfrentá-los.

Ele é o homem mais forte que conheço. Mente, corpo e alma. Mas teme esse encontro. Enfrentar o passado e as pessoas que o fazem lembrar daquele dia horrível. Das coisas que estavam fora de seu controle, mas as mesmas coisas pelas quais ele se culpa.

Todos se perguntam sobre ele. E estão ansiosos para conhecê-lo. Mesmo depois do que aconteceu, eles ainda são seus fãs. Querem ver seu trabalho.

Quero ver mais dele também.

Durante minha pausa para o almoço, vou até o telhado para examinar a pintura que deixei para secar. E o que encontro na luz do dia é ainda mais bonito do que esperava.

Mas não é o Quebra-Nozes sobre a tela. É aquela ao lado. No comprimento extra de papel. O preto, vermelho e azul que pintam uma história completamente diferente.

E ocorre-me, então, que não há nada que pode superar esta.



Salaciuos².

Assim vou chamá-lo. E usá-lo na exposição.

Ninguém vai saber o que significa. Somente nós. Rellek e Chloe, e a impressão visual de nossos corpos se unindo pela primeira vez.

E quando o mundo tiver visto, ou mesmo uma pequena porção do mundo, vou pendurá-la em cima da minha cama. Como minha tela mais apreciada.

É com este pensamento em mente que guardo as tintas e sigo para minhas aulas de dança à tarde. E pela primeira vez desde sempre, sinto meu coração subir, bem como meu corpo enquanto voo através do estúdio.

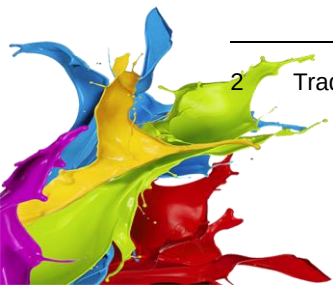
Tenho cinco minutos até que ele chegue.

É pura tortura. A espera.

Já estou fazendo o que ele pediu, apenas no caso dele chegar mais cedo.

Meu corpo está dobrado sobre a mesa. Meias resfriadas pela umidade que já existe entre as minhas coxas. Antecipação vibrando por minhas veias.

Meus dedos estão enroladas em torno de um lápis de grafite, desenhando num pedaço de papel para passar o tempo. Para manter minha mente ocupada e resistir ao impulso de me tocar.



Estou desenhando seu rosto em cima de mim. Sua mão cobrindo meu rosto enquanto me ajoelho diante dele. A fotografia mental perfeita do jeito que ele estava ontem.

Sua voz de comando profunda me dizendo o que fazer enquanto os olhos reivindicavam meu corpo.

Ele é dono de mim. E sabe disso.

A porta se abre, e paro todo o movimento.

Sr. Vaughn absorve a visão de mim curvada sobre sua mesa. A saia sobre meus quadris e as pernas espalhadas nas meias-calças cor de rosa. A mão em torno de seu lápis. A arte que ele me obriga a criar.

Seus olhos escurecem quando ele vira a fechadura da porta e tira a jaqueta. E então ele anda atrás de mim, sem palavras, e dobra seu corpo sobre o meu. Cobrindo-me com seu calor, enquanto agarra meu queixo e traz meus lábios nos dele.

Ele me beija forte e possessivo. Nossas línguas dançando e as respirações se misturando.

Ele é a mais pura forma de divindade que já provei.

E então vai para longe de mim.

"Continue desenhando," ele murmura contra mim. "Não pare."

É uma ordem. E faço o meu melhor para segui-la, mesmo com o som de seu zíper abrindo atrás de mim. Ele levanta minha saia e permite ao tecido cair em volta da minha cintura. E então sinto o calor de seu pau pressionado contra minhas meias. Ele está acariciando-se enquanto ele me assiste desenhar.

"Não pare," ele diz-me novamente. "Ou eu paro também."



Mordo o lábio e ele rasga um buraco nas minhas meias. Exatamente na umidade. Onde estou embebida para ele. Meu corpo implorando o seu.

E então ele está ajoelhado atrás de mim. Degustando-me com sua boca. Me fodendo com a língua, enquanto desenha seu rosto.

É tão sujo, errado e íntimo. Os sons que faz.

Os sons que eu faço.

Estou possuída por alguma outra coisa agora. Um demônio que tem fome de mais. Ele dá isso para mim. Agarrando meus quadris e me comendo.

Meu professor e meu mentor.

Ensinando-me como ser sua boa menina.

Estou tão perto. Tão, tão perto, mas estou impaciente para mais. Por ele todo.

Ele se levanta e entra em mim com um impulso.

Um som possuído sobe pela minha garganta e fora da boca, mas não permito que o lápis pare de se mover, mesmo quando ele levanta meus quadris e começa a me foder forte.

Mesmo quando as palmas das suas mãos deslizam no meu collant e abaixam o tecido para acariciar meus seios. Levanto minhas costas para acomodá-lo, mas o lápis nunca sai do papel. As linhas são agitadas agora. Ásperas e nervosas. Não importa.

Só preciso de suas mãos em mim. Preciso dele dentro de mim. Saciando o vício que criou. Ele é a única cura para esta loucura.

"Minha pequena bailarina suja," ele murmura contra mim. "Gosta de ser suja para mim?"

"Sim, Sr. Vaughn."



"Abaixe a mão e toque-se com a outra," ele me diz. "Faça-se gozar no meu pau. Mas não pare de desenhar."

Faço o que ele pede. É a coisa mais difícil que já fiz. Não consigo me concentrar em nada, só nas sensações. Seu pau se movendo em mim. Seus dedos em meus mamilos, sua boca na minha garganta.

Gozo forte em torno dele, moendo o lápis no papel enquanto isso.

Sr. Vaughn agarra meu cabelo e quadril, empurrando forte e rápido até que está quebrando. Empurrando dentro de mim. Enchendo-me com sua porra.

Ele cai contra mim e tira o lápis da minha mão, jogando-o de lado. E então está nos puxando para trás, em sua cadeira. Caio em seu colo e ele inclina a cabeça contra o encosto, ambos com a respiração ofegante.

Posso ver sua mente trabalhando novamente.

E daria qualquer coisa para saber no que ele está pensando agora. Mas é o suficiente ter sua mão em volta da minha cintura. Sua pele contra a minha. Nossos corações diminuindo o ritmo à medida que nos acalmamos.

"Dê-me o desenho", ele diz.

Alcanço do outro lado da mesa e passo o papel para ele. Não é perfeito. É metade graça e metade caos. Mas parece melhor do que eu esperava. E ele gosta muito.

Rellek.

"Eu fico com isso," diz.

Ele coloca de lado e caímos num silêncio confortável. O único som na sala é nossa respiração. Até que ele tenha algum tempo para reunir os pensamentos e me dizer o que está em sua mente.



"Há uma parte de mim, Chloe," ele diz, "que quer dizer-lhe para seguir seu coração. Dizer o que precisa ouvir. Que é uma artista nata e poderia fazer grandes coisas."

Meu coração incha com suas palavras. Sua honestidade e louvor. A coisa que tenho procurado por toda a vida. Mas sei que há um *mas* vindo, e ele me diz com um único olhar.

"A outra parte de mim quer protegê-la. Mantê-la longe desse mundo. Dos perigos dele."

"Nem sempre é perigoso," digo com voz suave. "O que aconteceu com você não foi normal."

"Você não entende." Ele balança a cabeça. "Você é jovem e bonita. Magnética. Sua arte tem o potencial para atrair um grande número de seguidores, Chloe. E o que vem com o desconhecido. Esse mundo vai te sugar. E temo que também tenha o potencial para te destruir."

Entendo o que ele está dizendo. Posso ver o medo em seus olhos. Que não seria capaz de me proteger. Da maneira como pensa que precisa.

Ele não entende que não é proteção que preciso. De modo nenhum.

"Não importa de qualquer maneira," digo a ele. "Até o final do semestre, essa não vai sequer ser uma opção para mim."

Ele franze a testa, mas não discute.

E meu peito aperta conforme outra realização me bate forte e rápido.

Que não é apenas a arte que não tenho mais tempo para explorar. É ele também.

Há uma ampulheta gigante acima de nossas mãos. Esgotando o tempo que nos resta juntos.



Sei como ele me vê.

Sou uma estudante, e ele é um professor. Vou dançar, onde quer que consiga uma posição. O que poderia ser em qualquer lugar. E ele ainda estará aqui. Ensinando. E permitindo que a escuridão de sua vida o consuma.

Isso provoca uma dor profunda e interminável dentro de mim. Saber quão pouco tempo realmente temos.

Viro-me e o beijo. E o tempo para a orientação acabou. Isso não é o que preciso agora. E digo a ele conforme monto nele e beijo seu pescoço.

"Sr. Vaughn?"

"Sim, Chloe?", Ele murmura contra mim.

"Gostaria que me fodesse novamente."



Capítulo Doze

Keller

Quando abro o calendário no meu telefone, estou surpreso de ver que estamos há apenas um mês para o Natal. Até a conclusão do semestre e o início do fim.

A apresentação final de Chloe. Aquela que sei que vai mudar sua vida de forma irrevogável. Onde espero que ela vá perceber sua verdadeira vocação mesmo que seja a coisa mais difícil para eu aceitar.

Não vou segurá-la. Vou ajudá-la de qualquer maneira que puder.

Mas, às vezes, ainda questiono se a melhor maneira que posso ajudá-la é desaparecer completamente da sua vida. Ela é maior do que este campus. Maior do que as sapatilhas que usa todos os dias. Ela nasceu para brilhar.

E estou segurando-a. Como tudo na sua vida. Outra corrente.

E ainda assim, parece liberdade para mim.

A liberdade que não provei em muito tempo. Ela me faz querer coisas que não deveria. Ela me faz questionar cada decisão que tomei ao longo dos últimos seis anos.

Os dias com ela passam rápido demais.

Muito rápido.

Somos o caos, juntos.

Não há tempo para pensar quando tudo o que fazemos é sentir.



Esta noite é a sequência de ioga. A coisa que mais temia desde que ela me pediu. As coisas que ela vai me fazer sentir esta noite são diferentes. Menos como liberdade e mais como escuridão.

Fiquei magoado com ela por isto. Exigir isso de mim, mas sei que é exatamente por isso que ela o fez. Ela sabia que eu não podia dizer não.

Não a eles. E talvez ela não saiba, mas não consigo dizer para ela também.

Então, quando o relógio marca seis, entro em meu carro e dirijo até o estúdio. Onde Chloe já está à espera. Onde todos estão esperando.

Estaciono o carro e agarro o volante enquanto meu olhar segue para a porta.

Chloe vem saltando para fora, um momento depois, um sorriso enorme no rosto.

Limpo as mãos na camisa e espero que ela esteja vindo para me dizer que está cancelado. Que não precisa de mim afinal.

Ela faz um gesto para eu sair ao invés disso.

Movo-me no piloto automático, tentando fingir calma, mas ela conhece meu rosto bem, esta garota.

Minha bailarina delicada.

Ela pega minha mão na dela por um breve momento no estacionamento e a leva até os lábios, dando um beijo suave.

"Vai ser ótimo," ela me diz. "Você verá."

Ando em silêncio ao lado dela. Para dentro do prédio. E para meu próprio inferno pessoal.

E lá estão.

Os rostos daquele dia. Todos me olhando.



Vislumbres de sangue, poeira e fumaça aparecem através da minha visão. O som de gritos torturados e soluços. Fecho meus olhos e Chloe toca meu braço, trazendo-me de volta à realidade.

Ela apresenta-me então não tenho que falar. Embora sou muito consciente de que não preciso de apresentação. Não vejo como poderiam esquecer-me depois do que aconteceu na minha apresentação.

"Keller."

A voz de uma mulher rompe através da neblina. Viro minha atenção para ela e a reconheço imediatamente. Seu nome é Amanda. E ela perdeu as duas pernas abaixo do joelho na explosão.

"É como Chloe disse que prefere ser chamado agora, ok?"

Olho para Chloe em apreço e concordo.

"Sim." Limpo minha garganta. "Isso é bom. Como está?"

É uma pergunta estúpida. Mas a único que posso pensar em fazer.

Ela sorri para mim de qualquer maneira, pondo-me à vontade.

"Estou ótima," ela responde.

E não há raiva refletida em seus olhos. Não como esperava. Sem tristeza. Sem dor. Nada, só genuína ... felicidade. Embora não entendo como possa ser.

"Honestamente," ela me diz: "Sei que parece difícil de acreditar, mas aquele dia mudou minha vida. Para melhor. Eu costumava trabalhar oitenta horas por semana tentando subir na escada corporativa. Agora administro um programa de arte para crianças. E aprecio cada momento de cada dia. Estou mais feliz do que já estive."



Outro homem vem para o lado dela, e estou certo de que ele vai ser o único. A pessoa que me dá uma bronca. Quem me diz como realmente é. Quem me culpa pelo que aconteceu tanto quanto eu me culpo.

Mas ele não faz. Ele compartilha palavras semelhantes de como sua vida mudou. E como aprendeu a viver com essas mudanças.

Depois de vinte minutos, falei com todos no grupo. E nenhum deles disse as palavras que esperava.

Ainda estou tentando aceitar a situação quando Chloe e o instrutor de ioga tomam seus lugares na frente da sala e começam as orientações.

A sala é uma enxurrada de atividades. De vida, onde eu estava tão certo que nenhuma poderia existir.

Sinto-me um fantasma aqui. Um espectador invisível no meio da multidão. Não sei o que estou fazendo, mas estou certo de que não pertencço aqui.

Não tenho tempo para considerar isto mais. Porque Chloe está me puxando, empurrando outra palheta em minhas mãos e me dando instruções.

Sigo as instruções enquanto observo eles se moverem. Segurando várias posições que parecem impossíveis para a maioria, mas que eles têm conquistado através de pura força de vontade. Chloe continua ao meu lado, e há uma breve pergunta na minha mente por que ela não está fazendo nada, mas ouço sua voz e a uso como uma âncora. Dizendo-me quando adicionar tinta. Mantendo minha mão calma e estável com apenas sua presença.

O tempo passa rapidamente, e logo toda a sequência está acabada. Meus olhos se movem sobre o papel, juntamente com todos os outros na sala enquanto desocupam o espaço em branco.

Está perfeito.



É brilhante.

É a vida, sobre a tela.

E então Chloe está me batendo no braço e me entregando outra coisa. Uma palheta nova.

"Sua vez," diz ela.

Olho para a tinta e depois para ela. Para a direção de sua mão, que está apontando para um espaço em branco na parede. Um espaço reservado para mim.

"Não."

Ela franze a testa e se mexe desconfortavelmente. E estou muito consciente de todos os olhos em mim. As expectativas e a pressão.

Ela não deveria ter feito isso.

Ela não deveria estar pedindo isso.

"Eles querem um pedaço para permanecer no estúdio," ela me diz calmamente. "Por favor, Sr. Vaughn."

A palavra não está em meus lábios novamente, mas, em seguida, Amanda se move na minha frente com ambas as próteses.

"Você não pode deixá-lo vencer," ela me diz. "Você não pode deixá-lo te impedir de criar, Keller. Só porque aquela noite terminou mal, isso não significa que sua vida acabou. Isso não é justo com você. Ou conosco. As pessoas ainda amam e admiram seu trabalho."

Meu pulso está acelerado. A respiração forçada.

Não posso dizer não para ela. Para eles.

E Chloe sabia disso. Estou irracionalmente zangado com ela. Por me colocar nessa posição. Por me forçar a fazer isso.



Pego a palheta em minhas mãos e ando até o espaço em branco na parede. E pinto. Terra queimada em tons de vermelho, laranja queimado, e preto. E uma centena de fênix levantando-se da escuridão para o céu acima.

Um clichê que só minhas mãos enferrujadas poderiam pensar em fornecer. E, no entanto, há uma salva de palmas quando termino.

Uma que não mereço. Uma que não quero.

Porque não era para ser assim. Não tem sido na minha cabeça durante os últimos seis anos. E esta garota ao meu lado está tentando me mudar. Tentando mudar tudo.

Fazendo-me querer coisas que não são mais minhas para querer. E de repente está claro para mim. Claro o que é que preciso fazer.

"Tenho que ir," digo a ela.

Ela me dá um sorriso suave, ignorando os pensamentos obscuros na minha mente.

"Obrigado por ter feito isso," ela me diz. "Obrigado por ter vindo."

"Não, Chloe." Estendo a mão e toco sua mão com a minha. "Obrigado."



Capítulo Treze

Chloe

Estou revisando minhas ideias para a parte final dos meus projetos quando meu telefone toca com uma mensagem.

Do Sr. Vaughn.

Ele nunca me envia mensagens. A vibração nervosa se move através de mim quando leio e vejo que ele quer me encontrar durante a minha pausa para o almoço.

Também incomum.

Arriscado. Mas eu gosto.

Estou esperando que ele não esteja irritado. Que não pressionei muito longe da sua zona de conforto na noite passada, mas sinto como se fosse a coisa certa a fazer.

Eu assisti ele pintar. O assisti criar.

E eu sei, apenas como todas as outras pessoas naquela sala, foi o que ele nasceu para fazer. Amanda estava certa. Ele não pode deixar aquele dia forjar o resto de sua vida. Assim como não posso permitir que meu pai forje o meu.

Decidi dizer a ele hoje.

Que vou ficar. Que estou mudando minha graduação para arte e vou usar toda minha herança para pagar por isso se precisar. A única coisa que meu pai não pode ditar é o que faço com o dinheiro que minha mãe me deixou quando morreu.



E escolhi seguir meu coração.

Eu escolho a Arte.

E o Sr. Vaughn.

Há um sorriso no meu rosto quando entro na sala de aula e o vejo em sua mesa.

Eu não posso evitar.

Ele me deixa animada.

Sobre a vida. Sobre Arte. Sobre tudo.

"Chloe," ele me cumprimenta. "Venha aqui."

Eu vou.

E ele me puxa para o seu colo e me beija. Forte.

Ele parece ter esquecido o fato de que estamos em sua sala de aula. E que sua aula começa em vinte minutos. Se alguém aparecer mais cedo, poderia nos ver.

"Não deveríamos ir ao seu escritório?" Tento murmurar entre beijos.

"Não."

Ele agarra minhas pernas e as posiciona de modo que estou montada nele. Ele está duro debaixo de mim.

E mesmo que há uma voz sussurrando na minha cabeça que precisamos ter cuidado, meu corpo traidor está esfregando contra sua ereção.

Seus lábios vem para minha garganta e beija a pele sensível lá, as mãos acariciando meus seios através da camisa.



Estou prestes a implorar mais uma vez para me ele levar em seu escritório quando abro os olhos e encontro alguém me olhando da porta.

Isabel.

Completamente sem palavras.

Congelo e agarro as mãos de Keller. Ele gira o olhar na direção que estou olhando também, só que não há verdadeiro choque no seu rosto.

Algo está queimando dentro do meu peito. Como ácido.

Como traição.

Deixo seu colo e silenciosamente imploro para ele dar alguma desculpa, embora a parte lógica do meu cérebro saiba que já é tarde demais.

"Eu posso explicar," digo a ela. "Não é o que parecia."

Keller suspira ao meu lado e Isabel balança a cabeça.

"É exatamente o que parece," ele diz a ela.

Viro-me e o encaro, meu coração batendo muito forte no peito.

"Você sabia que ela estava vindo?" O acuso. "Você sabia que ela nos veria? Você fez isso de propósito?"

Ele não me responde. E é toda a resposta que preciso.

Em vez disso, ele se levanta e encontra o olhar de Isabel.

"Acho que deve me acompanhar ao gabinete do reitor," diz ela numa voz mal controlada. "Sr. Vaughn."

"Não," forço a palavra, mas ambos me ignoram.

Ele já está andando pela sala. E de alguma forma, sei que não vou vê-lo novamente.

Porque ele fez isso de propósito.



"Sr. Dacosta vai querer falar com você também, Chloe," Isabel me diz.
"Certifique-se de ter o telefone ligado."

"Keller," falo me sentindo sufocada.

Ele se vira, mas não pronuncia uma palavra. Ele não está nem olhando para mim. Está vendo através de mim.

E, em seguida, em outro segundo, ele se foi.



Capítulo quatorze

Chloe

Há um estereótipo bem conhecido que os artistas são almas torturadas.

Acho que de uma forma isto é verdade.

Mas se há uma coisa que aprendi ao longo do curto período da minha vida, é que você pode aceitar essa dor e usá-la ou deixá-la te destruir.

Eu acho que, de certa forma, a dor pode fazer a mais bela arte.

A disfunção. O caos.

A emoção que expressa nas próprias imagens.

No meu caso, é a emoção que expresso nos movimentos.

Minha última peça vai ser um ato solo. Uma história coreografada da minha transformação. De dançarina para artista. Da prisão mental para a liberdade.

Do amor ao desgosto.

Não é nem um pouco uma apresentação para dizer que eu o amava.

Não quando o amava desde a primeira vez que o vi. E antes disso, desde a primeira vez que vislumbrei sua arte. Um pedaço de sua alma.

Estou tentando esquecer o jeito que ele me deixou. Estou tentando esquecer que às vezes dói respirar.

E hoje, quando entro no escritório do meu pai, estou tentando lembrar a única coisa que ele me ensinou melhor. A seguir meu coração.



Em retrospectiva, posso ver o que quis dizer com aquelas palavras. Não ser como ele.

Ter coragem.

E é isso que faço agora, quando coloco minhas palhetas na mesa do meu pai. Um gesto simbólico. Um que faz com que um fogo acenda em seus olhos.

"O que é isso?" Ele exige.

"Eu não sou ela," digo a ele. "E nunca vou ser."

É a única explicação que posso dar. A única que ele vai entender.



Capítulo quinze

Keller

Minha linda bailarina.

Minhas ações a devastaram.

Tento dizer a mim mesmo que é o melhor. Tento encontrar algo significativo para fazer com meu tempo.

Nunca vou conseguir outro cargo de professor agora.

Sr. Dacosta me diz que Chloe não vai admitir qualquer tipo de relacionamento comigo, embora eu já admiti sozinho. Assinei minha demissão, e a ação foi feita.

Que haja prejuízo para mim.

Meu coração nunca esteve nisto, mas minhas mãos estão ociosas e por isso também minha mente. E algo mais.

Uma dor no meu peito. Por uma garota muito jovem para mim. Uma garota que ainda tem uma vida inteira para experimentar e aprender.

Continuo me lembrando disso. Que nunca funcionaria entre nós. Que ela merece algo melhor do que eu, mas essa garota ainda parece minha.

E o pensamento de outra pessoa, qualquer pessoa, tomando o que ela tem para oferecer me consome. A ideia dela se excitar com outro homem enquanto fala sobre suas ideias é prejudicial para minha sanidade. E o pensamento de outro homem fazendo arte com ela, esse é o pior.



Isso é a única coisa que é nossa.

O segmento que nos mantém juntos. Apesar das nossas diferenças de idade e experiência de vida, nos entendemos nesse nível. E não é fácil. É um presente tão raro que duvido que vem mais de uma vez na vida.

É isso que me mantém hesitante. Isso tem me feito procurar imóveis ao redor da cidade, embora minhas noites sejam gastas em busca de caminhos de carreira em outro lugar.

Estou dividido ao meio. Assim como ela disse.

Há as coisas que Rellek quer. E depois há a lógica de Keller Vaughn. Duas metades muito diferentes de um mesmo todo.

Não é até que Amanda aparece na minha porta que tomo minha decisão. Quando ela me mostra as adições que Chloe tem feito para o estúdio de ioga. A arte que é uma continuação da minha.

Um mural de transformação.

Amanda nunca poderia ver a mensagem que se encontra dentro, mas eu posso.

Essa mensagem é para mim.



Capítulo dezesseis

Chloe

É a noite de gala do estudante.

A noite em que estive trabalhando pelos últimos dois meses. Tudo está indo bem. Minha incursão no cenário artístico.

Sei que há muitas vezes donos de galerias locais nestes eventos. E quero causar uma boa impressão.

Não só quero isso, mas preciso.

Sob o meu vestido preto, já estou usando meu vestuário da dança, mas não posso fazer minhas mãos pararem de tremer.

Há uma grande diferença entre a apresentação para Keller e alguns moradores e apresentação para um campus inteiro, mas quando passo pela porta, é ainda mais louco do que imaginava.

"Chloe Abernathy?" Alguém pergunta.

"Sim?"

Mal respondo antes de alguns lampejos de câmeras surgirem na direção do meu rosto, me cegando. Há perguntas também. Perguntas que realmente não posso responder. Sobre meu trabalho.

Bastien chega ao meu lado e me leva para longe por uma porta lateral.

"O que está acontecendo lá fora?" Pergunto.



"É um circo da mídia," ele responde. "Todo mundo está aqui. Canais de notícias, donos de galerias de todo o país, mesmo Laurent Beaupre."

Eu engulo à menção do nome, e por um momento estou certa que ouvi mal.

"O crítico de arte?"

"O primeiro e único," responde Bastien.

Laurent Beaupre é notoriamente difícil de impressionar. Sua opinião é conhecida nos círculos de arte, e ele é a pessoa que quer em seu evento, mas nunca chega a um evento trivial deste tamanho.

Nunca.

"Eu não entendo," digo a Bastien. "Como isso está acontecendo?"

"Eu não sei," ele responde. "Mas há um monte de gente lá fora já dizendo seu nome."

"Isso é loucura."

E sinto que não posso respirar.

"Vai ficar tudo bem, Chloe," ele me assegurou. "Isto é o que queria, certo?"

"Sim," eu respondo, "Mas ..."

"Mas nada," ele me diz. "Você tem uma oportunidade aqui. Vai aceitá-la e fazer bom uso?"

Eu ri, porque é isso que um dos nossos professores de dança sempre gosta de dizer. E Bastien está sorrindo, porque sabia que eu entenderia.

Então respiro profundamente e aceno.

"Vou aceitar," digo a ele. "Estou totalmente fazendo bom uso dela."

"Ok," ele concorda. "É melhor ir lá e conseguir isto então."

Ele caminha comigo e voltamos para a confusão. A multidão é grande. Maior do que já vi. E mais do que algumas vezes enquanto caminhamos, sinto os



olhos sobre mim. Não são apenas olhares. Eles estão acenando com a cabeça. Dizendo olá. E estão animados.

Por mim. Sobre mim.

"Chloe?"

Olho para cima e vejo a Sra. Hilliard acenando para chamar minha atenção. Ela é a diretora de arte para o programa. E parece animada por me ver também.

"Chloe," ela repete, me puxando para um abraço como se fôssemos melhores amigas. "Você não tem ideia. Apenas a menor ideia. A resposta para o seu trabalho já..."

Ela faz uma pausa para tomar fôlego e balança a cabeça.

"É enorme, Chloe. Tão grande. Já temos uma oferta em uma de suas peças."

"Uma oferta?"

Eu pisco para ela em confusão. Elas não foram sequer destinadas à venda.

"Sim, na peça Salacious."

"Oh." Minha excitação escurece rapidamente e balanço a cabeça. "Sinto muito, mas não posso vender essa. As outras sim, mas não essa."

"Não acho que você entende," ela me diz novamente. "A oferta é por quinhentos mil dólares."

Fico desnorteada quando ela repete o número três vezes pensando que não entendi.

Bastien também está em choque ao meu lado, tentando me tirar deste estado, incentivando-me a dizer alguma coisa. Algo que soa como sim.

Mas não posso.

"Ela tem um valor sentimental para mim," tento explicar.



Ambos me olham como se eu fosse louca. Mas Sra. Hilliard apenas balança a cabeça e continua.

"O comprador sabia que estaria hesitante em vender," diz ela. "Então ele se ofereceu para fazer a contribuição inteiramente à Fundação Witherton."

A Fundação Witherton. Outra forma conhecida como a caridade para as vítimas do bombardeio no teatro Rellek.

"Por que ele faria isso?" Pergunto.

Meu coração está batendo muito forte e muito rápido. Esperando por uma resposta. Uma resposta que vai me ajudar a entender isso.

"Ele achou que era importante para você," ela responde, "Com base em seu trabalho com o estúdio de ioga."

"Oh," eu respondo. "Certo."

Bastien e Sra. Hilliard estão ambos olhando para mim com expectativa. Isto é enorme. Esta doação significaria muito para a fundação. A causa que está tão perto do coração de Keller.

Mas a pintura significa o mundo para mim.

A memória que não posso voltar. O valor não é monetário para mim.

"Não sei o que fazer," digo a eles, porque sinto que preciso dizer algo.

"Chloe," Sra. Hilliard diz numa voz suave. "Esta é uma enorme oportunidade não apenas para uma causa de valor, mas para você também. Uma vez que seja espalhada a notícia de que alguém comprou um de seus quadros por essa quantia... seu trabalho terá valor de mercado real. Isto é incrível. E seria insensatez não aproveitar esta oportunidade."

Ela não entendeu. Isto não é sobre a minha carreira. Nem um pouco.

"Preciso pensar sobre isso," digo a ela. "Durante a noite."



Ela suspira e sua frustração é óbvia. "Você tem até o final da noite. Depois disso, duvido que vá sequer conseguir oferta semelhante."

Concordo com a cabeça, e ela se afasta, deixando-me juntar meus pensamentos. Mas não tenho muito tempo.

"Você entra em quinze minutos," diz Bastien. "Devemos ficar prontos."

Olho na direção das minhas pinturas. De Salacious. Desejando que pudesse apenas ter um pouco mais de tempo para pensar sobre isto. Mas não tenho. Então, simplesmente balanço a cabeça e deixo Bastien levar-me.



Capítulo dezessete

Chloe

Bastien me ajuda a alongar e preparar-me para o palco. Que é a única verdadeira razão que ele está aqui desde que estou apresentando um solo esta noite. Mas também queria que ele conseguisse crédito pela peça Nutcracker que fizemos juntos.

Uma vez que terminamos os alongamentos, Sra. Hilliard aparece na entrada lateral.

"Cinco minutos," ela diz.

Concordo com a cabeça e respiro fundo.

"Vou arrumar a pintura," Bastien me diz. "Você respira um pouco."

Concordo com a cabeça e tento relaxar.

Hoje à noite, não haverá Sr. Vaughn ou Bastien para me ajudar na apresentação. Vou pintar inteiramente com o meu corpo, usando o fornecimento que Bastien colocou na tela agora.

Tenho revisado o projeto em minha cabeça várias vezes, do jeito que quero que seja. Mas não tenho prolongado. Porque não quero perder a magia. Por isso vai ser completamente de forma livre. Sem chance para erros. Vai ser imperfeito, para mim. Mas espero que perfeito para alguém.

Mesmo que só ressoe em uma pessoa na plateia, terá significado. E isso é a coisa mais importante.



Bastien reaparece, e assim faz a Sra. Hilliard.

"Você está pronta?" Ela pergunta.

Aceno, e ela fala em seu fone de ouvido.

E então estou subindo as escadas para o palco. Na frente da multidão.

Na frente de muitas pessoas para contar.

Fecho meus olhos quando tomo meu lugar na tela. E tudo que posso ouvir é a voz dele. Dizendo que posso fazer isso. Que tenho que fazer.

A música começa, e assim eu também. A sala está tranquila, exceto os sons dos meus pés se movendo. Pintura. Estou completamente absorvida por ela. Pelo ritmo e a sensação.

Até que ouço um suspiro. E depois outro. E outro. E um murmúrio se espalha pela audiência.

E quando olho para cima é quando eu o vejo.

Vejo ele.

Pintando um mural na parede atrás de mim. Um pano de fundo para acompanhar a minha peça. Um pano de fundo com as mesmas cores daquela noite. De Salacious. Um pedaço de significado apenas que nós dois poderíamos entender.

Por um breve momento, seu olhar encontra o meu. E sua boca movimenta com as palavras.

"Continue, Chloe."

Eu continuo.

Danço desenho e pinto, usando todo meu corpo.

A energia no processo altera uma baixa emoção. E posso sentir isto vibrando por minhas veias também. Me inundando. Me infundindo com toda a emoção que preciso para completar a peça.



Ele está aqui.

Ele está aqui por mim.

Meu coração está doendo quando a música para, mas parece como se um peso saísse dos meus ombros.

Uma catarse.

E existem aplausos. Muitas palmas.

A tela na parte de trás da sala mostra nossas pinturas em perfeita sintonia. Mas olho apenas para ele. O próprio homem.

Há tantas perguntas em minha mente. Perguntas que preciso das respostas.

Mas a Sra. Hilliard está me conduzindo para longe antes de eu ter a chance de expressá-las. Para a multidão, onde uma horda de pessoas aguarda com perguntas.

O que isso significa? O que as cores representam? Qual é o nome da peça?

Respondo todas da melhor forma que posso antes de me desculpar e sumir para a parte de trás. Procurando-o.

Ando pelos corredores e estão vazios.

Outra rodada da sala produz os mesmos resultados.

E é com o coração pesado que percebo que ele foi embora novamente. Que talvez eu estivesse errada. Ele nunca teve intenção de ficar.

Que talvez este é o máximo que posso ter dele. Breves lampejos de loucura intercalados por silêncios longos e solenes.



Eventualmente, encontro meu caminho de volta para a peça. De volta para Salacious. E olho as cores por um longo tempo. Tentando dar sentido. Tentando tomar uma decisão.

Entender o propósito de qualquer coisa disso.

"Pensei que ficaria entre seus fãs," uma voz fala por trás de mim.

Meu corpo relaxa, da maneira que só sua presença pode fazer. Não me viro para olhá-lo. Ainda não. Porque é mais fácil fingir que ele é apenas uma aparição. Até que sei com certeza que ele é real.

"É muito esmagador," essa é minha resposta.

"É bom deixá-los querendo mais," ele responde. "Eles gostam do mistério."

"Você fez tudo isso?" Pergunto-lhe. "É essa a única razão pela qual estão aqui?"

"A única coisa que fiz, Chloe, foi mostrar-lhes seu trabalho. As pessoas que estão aqui esta noite acreditaram que valia a pena ver pessoalmente. Não há nada mais do que isso."

"Mas você estava no palco comigo," respondo-lhe.

"Eles não sabiam que eu estaria," ele responde. "Ninguém sabia."

Meu coração bate mais forte no peito. Aliviado e animado.

Que isto é real. Que é genuíno.

Mas é assustador também.

Porque ainda não sei o resto. Como o resto desta história se desenrola. Se esta será a primeira ou a última obra de arte que criamos juntos.

"Acho que ficará melhor sobre a minha cama," diz ele.

Desta vez, me viro. Só um pouco. O suficiente para encontrar seu olhar.



E ele é tão real quanto já foi. Mais bonito do que me lembro. E mais relaxado também.

À vontade.

Como se talvez seus demônios finalmente se acalmaram.

"Salacious," ele murmura, os olhos ainda na pintura atrás de mim. "Não sabia que o guardou. Não sabia que se agarraria a algo com tanta força, quando o homem por trás dele causou-lhe dor."

"Você não me causou dor," eu digo a ele. "Você me deu o crescimento."

Seus olhos ficam suaves, e ele dá um passo mais perto. Fechando a distância entre nós.

"E eu era seu professor. No entanto, você foi a única a ensinar-me, Chloe."

"Só te queria feliz", digo a ele.

"Ainda está se afastando de mim?" Ele estende a mão, e aceito.

Nada jamais pareceu tão certo. Nossos dedos salpicados de tinta entrelaçados. O mestre e seu aluno.

"Vai vender a pintura?"

Eu pisco para ele e sorrio. "Você é o comprador?"

"Sim."

Ele aperta a mão na minha bochecha e se inclina para me inspirar. E a tensão entre nós quebra. Não posso ter certeza de quem puxa quem. Mas estamos juntos. Em ofuscante calor e um beijo que nunca vou esquecer.

Um beijo que promete muito mais. E um pedido de desculpas também.

"Não pode ter a pintura," murmuro contra ele. "Vou ficar com ela."

Ele sorri contra mim e aperta minha bunda nas mãos.

"Então tenho uma proposta para você," ele me diz.



"O que é?"

"Quero aquela pintura, Chloe. A quero sobre minha cama. Nossa cama."

Preciso de um momento para processar suas palavras. "Quer que eu vá morar com você?"

"Sim."

O tom de provocação está ausente de sua voz, e agora ele está muito sério.

"E algo mais. Quero seu trabalho na minha galeria."

"Sua galeria?"

Mais uma vez, sinto que não estou processando tudo o que ele tem para dizer.

"Você tem uma sala inteira de pessoas lá fora que querem isso também," ele me diz. "Então, tem opções. Mas eu gostaria que me escolhesse, e vou dizer por quê."

Ele pega minhas mãos e segura nas suas.

"Já sei o que vai dizer. Que faço isso porque quero protegê-la. E parte disso é verdade. Quero mantê-la dos abutres. Quero manter seu trabalho autêntico. E não influenciado por aquilo que eles querem."

Ele acaricia o polegar sobre a minha pele e faz uma pausa antes de encontrar meu olhar novamente.

"Mas também quero criar com você, Chloe. Como fizemos esta noite. Quero que trabalhemos juntos. Se é isso que quiser também."

Ele parece nervoso. E ansioso pela minha resposta. A enormidade do que está dizendo não deixa de me surpreender. Ele está pronto para mergulhar de volta no mundo da arte. Comigo.

Concordo com a cabeça em resposta.



"Sim?" Ele pergunta.

"Sim para ambos," Esclareço. "Vou mudar, para que possamos compartilhar a custódia da pintura. E vou trabalhar com você também, eu acho."

Ele sorri e me beija com força.

"Bom," diz ele. "Porque realmente quero nada mais do que para levá-la para casa agora. Se estiver pronta."

"Acho que estou pronta," respondo. "Oficialmente aproveitei bem esta noite."

Ele pega minha mão na sua e nos movemos em direção à porta.

"Só mais uma coisa, Chloe," diz ele a sério.

"O que é?"

"Pode fazer o que quiser no estúdio," ele me diz. "Mas, na minha cama, sempre vai me ouvir."

Resisto à vontade de revirar os olhos e me inclino na ponta dos pés para beijá-lo na bochecha.

"Tudo o que quiser, Sr. Vaughn."

FIM

